

Virgínia Cabral Fernandes

MEMÓRIAS ULTRAMARINAS

1994

São João do Estoril

Composição e paginação: Climepsi Editores

Impresso por: Impresse 4
em Dezembro de 1994

Depósito Legal n.º 85086/94

Capa de Ana Rita Cabral Fernandes

Edição da Autora

Pedidos à Autora: Chalet Fili

S. João do Estoril – 2765 Cascais

A meu Pai

Prefácio

Escrevo as minhas memórias singelas para quem nunca esteve no nosso Ultramar veja como nós, os Portugueses, amávamos aquelas populações e éramos também, por elas, amados e respeitados. Saudade, ternura e amor é o que sinto por todos. Os olhos enchem-se-me de lágrimas ao recordar toda a vida que vivi em Moçambique e em Angola. Todos queríamos a independência daquelas nações mas só na devida altura. Ah, capitães de Abril, quanta ambição nos vossos corações insensíveis! Podiam ter feito uma revolução linda, mas estragaram-na com tanta ignorância e utopias ultrapassadas.

Gostava de viver «cantando e rindo» como em rapariguinha, mas já não sou capaz, pois tenho sempre diante dos olhos aqueles negrinhos morrendo de fome e a pedirem socorro!

As minhas memórias limitam-se às recordações de garota em doze anos vividos em Lourenço Marques, em oito anos de Goa e quinze anos de Angola, sempre em épocas de paz e felicidade.

A terrível descolonização não me afectou senão na pena que sinto por aqueles que tudo perderam e que se não conformam e pelo horror que vejo, pela TV, aquelas populações passarem com uma guerra que não acaba.

Virgínia Cabral Fernandes

Moçambique

Nascimento, infância, adolescência e juventude

Sou filha de um militar digno e patriota, o Coronel José Ricardo Pereira Cabral, que foi Governador-Geral de Moçambique durante doze anos e de Goa durante oito anos. Sou mulher do Juiz Conselheiro jubilado, José António Fernandes, que foi magistrado em Goa, Juiz de Direito em Sá da Bandeira, Angola, Secretário-Geral de Angola e Juiz Desembargador em Luanda e sou mãe de onze filhos, dois nascidos em Goa e nove nascidos em Angola. Todos com um curso superior e que são o meu orgulho. Por causa deles, quando há trinta e dois anos o meu filho mais velho completou o liceu em Luanda, meu marido pediu a transferência para a Magistratura da Metrópole.

Pela alta posição do meu pai em Moçambique e Goa e também pela alta posição do meu marido em Angola, conheço bem aquelas terras e suas gentes. Devia ter começado a escrever as minhas memórias há muito mais tempo pois, hoje, com setenta e sete anos, a memória começa a faltar-me para datas, factos e nomes.

É um esforço não baralhar tudo. Vivi um tempo extraordinário de paz e progresso para Moçambique, a minha terra natal querida.

Tantas recordações e tanta gente desaparecida!

O que lá se passa agora parece-me um sonho mau. Desaparecidas pessoas que amavam Moçambique, que eram respeitadas e amadas por esse povo que as viu nascer e que com elas andaram nas escolas, liceus e, ultimamente, na universidade. Povo bom e amigo mas a quem os comunistas num trabalho de safa infernal, conseguiram incutir a semente do ódio e da revolta contra os brancos. Que ganharam os negros com isso? As guerras tribais que originaram a fome, a miséria, as mortes, o atraso intelectual e, finalmente, a insegurança no futuro, o medo e, quem sabe, o remorso por terem traído quem, ao longo dos séculos, tanto bem lhes fez.

Faz-me rir quando ouço dizer que a fome é provocada pela seca!! Desde garota ouvia falar nas secas, mas também que elas eram sempre neutralizadas pelos

governos dos distritos, que ajudavam, eficientemente, as populações, que não morriam de fome como hoje acontece.

Nas lutas tribais já morreram milhões de pessoas em Moçambique e Angola. Quantas mais morrerão ainda?

Eles, os negros, lado a lado com os brancos lá nascidos alcançariam, num futuro próximo, a independência. Mas era preciso estudarem para terem quadros válidos com médicos, engenheiros, magistrados, professores, funcionários públicos, etc.

Se, em Portugal, a instrução levou séculos a chegar a todas as camadas sociais, como é que essa instrução seria mais rápida em África, onde havia milhões de negros e os professores iam de Portugal? Maldita ignorância e inconsciência dos autores do 25 de Abril. Era só entregar de bandeja todo o nosso Ultramar?!!!

Fizemos durante séculos uma colonização pacífica, com alguns erros, é certo, para os militares de Abril fazerem, num ápice, uma «descolonização exemplar», como eles dizem.

Só souberam fazer uma ponte de um dia para o outro: a ponte 25 de Abril! Quando lhe põem o seu nome «Ponte sobre o Tejo»? Ainda viverei o bastante para ver isso?

Lembro-me que nessa altura veio a Portugal uma personalidade francesa interessada em ver o resultado da nossa descolonização. Foi à TV e disse que a descolonização belga, a francesa e a inglesa foram feitas com calma, com Governos estáveis nos seus países e que, em Portugal, era feita num período agitado de revolução e quedas de regime e Governo. Tudo foi uma vergonha! Tudo sem dignidade.

Frequentei o antigo Liceu 5 de Outubro em Lourenço Marques. Há uns sessenta e dois anos a frequência era multirracial.

Tive colegas brancos, negros, mestiços, indianos e chinas que seriam, mais tarde, os obreiros de um pai grande, rico e independente.

Onde estão os teus sonhos, Cacilda, a minha colega negra, filha de um funcionário dos Caminhos-de-Ferro, que vinha à residência do Governo-Geral, onde eu vivia, estudar comigo e fazermos juntas, para o nosso exigente professor de Ciências, o Dr. César Fontes, o herbário? Vinha carregada de flores, folhas e raízes. Se fosses viva, que me dirias desta independência de Moçambique que os comunistas fizeram, arrasando tudo, trazendo morte, fome e miséria? Agora esse povo vê como nós, os Portugueses, éramos seus amigos. Mas quem quer lá regressar depois de tanta traição? Os novos, os que nunca lá estiveram, poderão querer ir para lá trabalhar mas, no fundo, terão medo de nova traição, de mais violência e de mais lutas tribais. Luta que só os portugueses apaziguavam, fazendo justiça. Os negros preferiam ser governados por brancos do que por outra tribo rival. Até a língua é diferente entre raças e tribos. A língua portuguesa é o elo de ligação. Um exemplo: eu

tinha um mainato (lavadeiro e engomadeiro) de raça cabinda e tinha um criado bailundo de Sá da Bandeira, Huíla. Um dia mandei o criado bailundo dizer ao mainato cabinda que, à tarde, tinha que ter pronto, bem engomado, um fato branco de meu marido. Daí a um bocado apareceu o mainato a receber ordens minhas, pois não recebia ordens do bailundo. Daí em diante, quando precisava de um serviço do mainato, mandava o recado pela governanta branca. Enfim, é altura de deixar estes comentários amargos e sentidos e falar da minha querida terra onde nasci e vivi tantos anos: Moçambique.

Nasci no Norte de Moçambique, na Cabeceira Grande, em 1916, durante a Primeira Grande Guerra e fui com meus pais, ainda bebé de dias, para a Ilha de Moçambique, para o Palácio de S. Paulo, a residência oficial do governador do distrito.

Só há pouco tempo li o livro encantador, *A Ilha de Próspero* de Rui Knopfli, prefaciado pelo Dr. Alexandre Lobato, que foi meu colega de turma, no antigo liceu de Lourenço Marques. Fiquei maravilhada com o livro e fiquei a saber muita coisa da minha Ilha e que eu desconhecia, pois saí de lá muito pequena com três anos, talvez. O pouco que eu sabia, foi através de minha mãe, que lá viveu todo o tempo que meu querido pai lá esteve como governador de distrito e comandante-chefe das tropas portuguesas e inglesas que combateram os Alemães no Norte de Moçambique e os venceram. Por essas batalhas meu pai recebeu as melhores condecorações inglesas, francesas e portuguesas.

Do Palácio de S. Paulo só me lembro de um muro muito alto, donde caí e cortei o lábio superior, cuja cicatriz ainda se nota.

No livro de Rui Knopfli vi a fotografia de um berço lindo, indiano, onde dormi quando criança. Quando, em Goa, nasceu o meu filho mais velho, minha mãe comprou um berço indiano e mandou colocá-lo no meu quarto. Hoje tenho pena de o não ter trazido, pois teria servido aos meus onze filhos e quinze netos. Mas saímos de Goa durante a última guerra mundial e meu marido não queria trazer muita bagagem por causa das mudanças de comboios e de barcos que tínhamos de fazer até ao nosso destino: Sá da Bandeira, Angola.

Quando rapariguinha, com os meus irmãos Augusto e João, líamos os livros de Emílio Salgari, entre os quais *Sandokan, o Tigre da Malásia*, e não sabia que Sandokan fora uma figura real, um príncipe oriental que lutara pela reconquista do seu reino e que, nessas lutas, durante as chuvas torrenciais da monção se abrigava com os seus barcos na Ilha de Moçambique onde, ainda hoje, existe uma gruta chamada o «Reduto de Sandokan».

Terminada a Primeira Grande Guerra, meus pais regressaram a Lisboa. Numa das viagens de Moçambique para Lisboa, viajámos num barco alemão. Neste barco a encarregada das crianças era uma *fraulein* alemã e minha mãe, à partida, mostrou-

lhe uma nota de libra, que nesse tempo valia bom dinheiro. Rasgou-a ao meio e deu, à alemã, uma metade, dizendo-lhe que, à chegada a Lisboa, lhe daria a outra metade se ela tratasse bem os sete filhos que levava. À chegada a Lisboa, minha mãe deu-lhe a outra metade como prometera.

Em Lisboa morámos nas ruas António Pedro, Maria Andrade e Almirante Reis.

Nesta última rua ocupámos um rés-do-chão enorme com uma cave imensa e um grande jardim. As recordações de infância neste casarão são inesquecíveis. Adorava estar à janela, pois essa rua era muito movimentada. Extensos enterros com muita gente a pé e com muitas flores. E, no Carnaval, era uma alegria com os foliões e os «xexés» a meterem-nos medo com os seus facalhões.

Homens vestidos de amas, com matulões vestidos de bebés, com fraldas e chuchas, divertiam-nos. Foi nesta casa que morreu o meu irmão mais velho com catorze anos. Foi a primeira pessoa morta que vi no caixão. Levantaram-me para lhe dar um beijo. E essa imagem para mim, criança de sete anos, nunca se desvaneceu e perdura até hoje, mulher de setenta e sete anos.

Nesta mesma casa preparámo-nos para regressar a Moçambique, onde meu pai estava como governador-geral. Na altura éramos oito irmãos e a excitação era enorme com os preparativos da partida. Muitas malas e muita roupa feita por uma costureira que ia trabalhar todos os dias.

A viagem no velho paquete *Lourenço Marques* foi inolvidável. Levámos mais de um mês a chegar ao nosso destino, mas tudo era novidade e divertido. Até os banhos eram diferentes. Para poupar água doce, a banheira era cheia de água salgada quente e depois, para tirarmos a água salgada do corpo, havia, para esse efeito, uma tina pequena com água doce, atravessada na banheira. Só nessa viagem vi os banhos assim. Nos outros barcos, os banhos de imersão eram normais. Os banhos de chuveiro, nesse tempo, ainda não se usavam.

Antes de chegarmos ao Cabo da Boa Esperança, começaram os jogos de competição para crianças: a corrida dos sacos, a corrida do ovo na colher, a corrida das batatas, etc., etc. Eu, com oito anos, era desembaraçada e estava a ganhar tudo quando a minha irmã Sara veio ter comigo, chamou-me à parte e disse-me com autoridade: «Não podes ganhar tudo, lembra-te que as meninas da 3.^a classe são pobrezinhas e também querem ganhar, coitadinhas.»

Lá me conseguiu convencer e, a contragosto, comecei a fazer por perder os jogos. Então, na corrida das batatas, o esforço que eu fiz para não ganhar! Devagar, apanhava as batatas e nunca acertava com elas nos baldes.

A viagem até ao fim foi divertida. A maior parte dos passageiros ia para Lourenço Marques. Quando o barco atracou ao cais já estávamos, os meus irmãos e eu, prontos para desembarcar, penteadinhos e de fatos novos. Espreitávamos por cima da amurada do convés mas não víamos ninguém conhecido. De repente vimos o pai

a sair de um carro e foi a confusão. A minha irmã mais velha, a Pilar, lá reuniu a tropa toda e, debaixo do seu comando, descemos as escadas do barco e enfiámo-nos nos carros a caminho de casa.

Eu tinha oito anos, foi portanto há sessenta e nove anos e a maior parte das pessoas desse tempo já morreram. Recordo todos com profunda saudade. A minha consolação é que não viram o que fizeram à nossa terra. Aos que vivem e assistiram à miséria, à destruição e desespero que veio a seguir, procuro ajudá-los e dar-lhes confiança no futuro. Agora só quero recordar-me dos tempos bons e que foram de paz e progresso para Moçambique. Só quero manter a imagem daquela cidade linda de acácias rubras em flor, das avenidas com os jacarandás lilases, também em flor. Tudo está perdido, não voltarei a ver aquela terra perfumada com as suas flores tropicais. As buganvílias, que fazem vedações lindas por todo o lado, não têm perfume mas são ornamentais com as suas cores variadas: roxas, carmesins, brancas, cor de fogo, lilases.

Ó minha terra, minha terra amada, o que te fizeram! Ouvi há pouco tempo, numa mesa redonda na TV um jornalista e escritor afirmar que as missões protestantes americanas é que ensinavam e educavam os negros! Santa ignorância! E as nossas admiráveis missões católicas que estão no Ultramar há mais de quinhentos anos?

A obra admirável que esses missionários fizeram por todo o sertão de Moçambique e Angola. A revista *Boa Nova*, publicação mensal de actualidade missionária, elucida-nos sobre a obra extraordinária das missões católicas e aprendemos com ela muita coisa. Por exemplo: que a Ilha de Moçambique era, há cinco séculos, a sede dos capitães-generais que governavam Moçambique e simultaneamente Goa, Damão e Diu e onde se juntavam as missões católicas protestantes, hindus e muçulmanas e de outras religiões, numa coexistência pacífica em luta contra a escravatura.

Felizmente nessa mesa redonda estava também o general Káulza de Arriaga, que se indignou com o jornalista e que o chamou à realidade dos factos. A obra das missões católicas foi sempre superior à das missões protestantes, disse o general. Lembro-me que meu pai, apesar de não ser religioso, sempre ajudou as missões católicas durante os doze anos que governou Moçambique, pois reconhecia que elas, as missões, eram pelo mato fora as grandes educadoras do povo moçambicano.

A abnegação e caridade dos missionários católicos eram inigualáveis, por isso deviam ser ajudados por todos. Em Angola também já se comemoraram os quinhentos anos de evangelização por parte das missões católicas de 1491 a 1991. E das religiões existentes 49,68% são católicas e só 12% são protestantes (dados tirados da revista *Boa Nova* – actualidade missionária).

Os doze anos que vivi em Lourenço Marques nos meus tempos de garota e adolescente foram dos melhores da minha vida e tudo me vem à memória com sentida saudade.

A residência do Governo-Geral, na Ponta Vermelha, era enorme, cheia de quartos, salas e salões e rodeada por um enorme jardim com campos de ténis e de *croquet*, ruas asfaltadas, onde meus irmãos e eu andávamos deliciados de bicicleta. Havia duas estufas cheias de fetos, avencas, begónias e outras plantas. Ao lado do campo de ténis, mesmo em frente às garagens, situava-se um campo enorme com uma bela colecção de craveiros lindos que, em dia de festa e banquetes, ornamentavam as mesas para gáudio dos convivas.

Um belo pomar cheio de laranjeiras, limoeiros, tangerineiras, amoreiras, maracujás, mangueiras e goiabeiras. Mal se enchiam de frutos ali estávamos nós, a criançada, a apanhar os frutos e a comer até fartar.

Hoje penso que essas vitaminas todas e variadas fizeram de mim a mulher forte que sou.

E havia o jardineiro-chefe que vigiava, com eficiência, todo o pessoal do jardim.

Muitos dos trabalhos eram feitos por presidiários sob a vigilância de um cipaio fardado. Alguns dos presidiários eram mais perigosos e andavam aos pares, ligados por correntes pelos tornozelos. Isso fazia-me uma impressão enorme e, para os compensar, infantilmente julgava que, dando-lhes guloseimas, os fazia mais felizes.

O jardineiro avisava-me: «Menina, aquele matou dois homens e este matou a mulher!»

Quando cheguei a Lourenço Marques meu pai pôs-me na escola primária que era mesmo em frente ao Governo-Geral. Era a escola luso-africana e tinha um frequência multirracial e de camadas sociais diferentes. A professora, a D. Agostinha, era um terror e metia medo: enorme, gorda, baixinha de fartos bigodes e de volumoso carrapito. Mantinha a ordem com a ameaça permanente da palmatória de cinco buraquinhos. A mim nunca me bateu, mas o meu irmão Augusto foi uma vítima dela.

Por tudo e por nada chamava-o e dava-lhe valentes palmatoadas. Ele era o herói da classe porque nunca chorava e ia até à secretária da professora, a gingar, em ar de desafio. Hoje, quando penso nisso, julgo que ela fazia gala em mostrar aos alunos que batia no filho do governador!

O meu irmão era terrível mas, muitas vezes, apanhava injustamente. A verdade é que a D. Agostinha era uma professora muito competente e os seus alunos passavam todos com boa classificação no exame de admissão ao liceu. O meu exame correu muito bem mas, a certa altura, em Geografia, o professor disse-me: «Muito bem, muito bem, agora a menina vai dizer-me quem é o governador-geral da província de Moçambique.»

«Estou tramada, sei lá quem é!», pensei eu.

«Só sei quem é o governador de Lourenço Marques», respondi ao professor. Quando cheguei a casa meu pai já sabia o que se tinha passado no exame. O professor, que tinha sido seu colega no Colégio Militar, telefonara-lhe.

«Então não sabes quem é o governador-geral da província de Moçambique?»

«Não, só sei quem é o governador de Lourenço Marques», respondi-lhe, envergonhada da minha ignorância.

Entre para o liceu e aí fiz amigos e amigas, pois era uma garota simples, alegre e sem vaidade. Fui, a partir do 3.º ano, a melhor aluna de Matemática das duas turmas, cujo professor era o terrível Dr. Esquível.

Quando falavam nisso a meu pai ele dizia, encolhendo os ombros: «Ora, se fosse um dos rapazes!»

Naquele tempo poucas raparigas estudavam. Nas minhas turmas do 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos só havia seis raparigas e uns trinta rapazes. Hoje, então, tanto nos liceus como nas faculdades, parece haver mais raparigas. Não tenho pena de não ter lutado para obter um canudo universitário, pois sinto-me feliz por ter tido tantos filhos e os ter ajudado e acompanhado, incentivando-os a tirarem um curso superior. Para mim e meu marido foi uma vida de sacrifícios, privações e trabalhos mas conseguimos, somos felizes.

Voltando à minha infância, sinto ternura e saudade por tudo o que recordo e que passou nesses anos de paz e alegria.

Os Portugueses sempre foram amigos dos negros e sempre os trataram bem. É certo que talvez existissem os maus patrões, os ditadores, os injustos. Mas eles, os maus, continuam a existir em todas as sociedades. Lembro-me de como muitas senhoras, em Lisboa, tratavam mal as suas empregadas, o que a nós, vindos de África, nos revoltava.

Trabalhavam até tarde pela noite adiante a engomar, limpar pratas e metais, etc. A comida para o pessoal da cozinha era diferente. O pão era do escuro, o açúcar era o amarelo, o café era a cevada insípida e não tinham direito a doce e fruta! Em todo o lado há bons e maus e não me venham dizer que os Portugueses tratavam mal os negros. Eu nunca digo pretos, porque dizer negros é mais dignificante, é uma raça.

Que ganharam afinal os negros com esta independência extemporânea, forjada pelos comunistas? Para haver progresso é preciso haver ordem e disciplina e agora o que vemos são lutas tribais e a matarem-se uns aos outros. Meus pobres negrinhos, magros, esfomeados, com os olhos grandes e tristes a pedirem socorro. Que podemos fazer? Como ajudá-los?! Vá capitães de Abril, acudam-lhes!

Vou continuar a falar de Moçambique, de Lourenço Marques, essa terra querida, uma cidade plana, bem gizada, bem planeada dentro de um projecto de um arquitecto que sabia bem o que estava a fazer. Já Luanda foi feita sem projecto, mas é

uma cidade linda pela sua natureza de altos e baixos, de colinas que dão um pitoresco fantástico à cidade com vistas espectaculares de vários pontos da cidade. Lourenço Marques, com as suas grandes avenidas e ruas perpendiculares umas às outras, e as ruas cheias de acácias rubras em flor e os jacarandás lilases dão um colorido lindo à cidade, que é ordenada e moderna. A rua que melhor recordo é a 24 de Julho que vai da Ilha dos Galegos ao Alto Mahé.

Lourenço Marques, a figura de homem que deu o nome à cidade, era o piloto de uma fusta de guerra, embarcação a remos e vela da Marinha Portuguesa em 1544. Localizou ali a futura cidade que seria um dos melhores portos de África, séculos mais tarde.

A meio da Rua 24 de Julho situava-se o antigo Liceu 5 de Outubro, o que lhe dava muito movimento com a alegria natural da gente nova. A estudantada, multirracial, reunia-se na Ilha dos Galegos, uma pequena praça, também ponto de reunião de idosos reformados e ponto de passagem de quem ia para a praia da Polana.

Mas a minha vida de menina passava-se normalmente no jardim do palácio da Ponta Vermelha. A meio do jardim, mesmo, mesmo em frente à residência do governador, havia uma mafurreira enorme, árvore baixa e frondosa, cujos ramos se estendiam harmoniosamente e sem perigo.

Com a minha amiga, Clarinha Vale, filha de um militar que ia todos os dias brincar comigo dividíamos a árvore ao meio. Uma metade para mim, a outra para ela. E, por sua vez, com muita imaginação as metades eram divididas: uns ramos eram a sala de visitas, o quarto, a cozinha, etc.

E ali andávamos a passarinhar de uns ramos para os outros, a fazer visitas cerimoniosas uma à outra. Os pratos, chávenas e travessas eram as variadas folhas de erótanos espalhadas por todo o jardim.

Também púnhamos umas capas de tecido xadrez que pertenciam às minhas irmãs Pilar e Sara, presas à cintura, a fazerem de saias compridas até aos pés. E, para completar a indumentária, púnhamos duas tangerinas, dentro das blusas a fazerem de seios, e ao colo as bonecas.

O que nos divertíamos!

Também eram dias de festa, os dias de banquetes no palácio. Ia sempre uma banda de música tocar enquanto os convivas jantavam. Os músicos arrumavam-se debaixo da grande mafurreira, distribuíam as músicas e procediam à afinação dos instrumentos. Num desses banquetes, o meu irmão Augusto, o das ideias geniais, meteu-se debaixo da mesa enorme e foi, de uma ponta à outra da mesa a fazer cócegas nas pernas das senhoras com uma palhinha. As senhoras mexiam-se, sacudiam-se, davam gritinhos nervosos e ninguém percebia a causa da agitação feminina. O Augusto, quando chegou à ponta da mesa, que ficava em frente da porta da sala de jantar, esgueirou-se, de gatas, debaixo dos olhos arregalados de um dos

ajudantes de meu pai, que estava sentado à cabeceira da mesa. Claro que foi logo descoberto o autor do susto das senhoras. Essa gracinha valeu-lhe uma valente sova do pai que, a ir, exclamava: «O raio do rapaz, o raio do rapaz!»

O gradeamento do jardim abria-se para três ruas por três grandes portões de ferro. O portão principal, onde todos entravam, a pé ou de carro, tinha uma sentinela com guarita e um porteiro fardado que tocava uma sineta para assinalar a entrada de uma visita. Uma badalada se era um homem, duas badaladas se era uma senhora. Pois o «raio do rapaz», o Augusto, tinha a habilidade de ir, devagarinho, por trás do porteiro e dava umas poucas de badaladas, fugindo a correr de tal forma que ninguém o apanhava. Ficava tudo baralhado e era uma confusão.

O lado do gradeamento que não tinha rua dava para os jardins das casas de uns ingleses que ali moravam. Pois era ver os meus irmãos a incitar os miúdos ingleses, chamando-lhes «bifes, bifes». Mas os outros não se calavam e ripostavam-lhes: «bacalhaus, bacalhaus». Era uma gritaria infernal.

Fomos crescendo e o entusiasmo pelo ténis ia aumentando. O Augusto e eu passávamos o tempo todo que podíamos a treinar com as belas raquetes que o pai nos dera. E assim nos tornámos bons jogadores de ténis. Mas a minha paixão pelo ténis foi mais duradoira do que a do meu irmão. Comecei aos oito anos e só parei aos quarenta e cinco. Entrei em muitos campeonatos em Goa e em Angola. Dois deles internacionais, um em Luanda e outro no Lobito. Tenho diplomas, medalhas e muitas taças de prata a comprovar estes jogos.

Mas aquele querido jardim do Palácio da Ponta Vermelha é um manancial de recordações, pois ali brinquei durante doze anos. Conhecia todos os cantos do jardim e todo o pessoal que ali trabalhava e ali vivia como motoristas e suas famílias, criados e mainatos. Só o cozinheiro, o Ali, o muçulmano vindo de Madagáscar, a ilha situada em frente de Moçambique, um mestre da cozinha francesa, não morava ali. Devia ter trabalhado em casa de ricos franceses de Madagáscar. A sua arte de cozinheiro podia comparar-se à de Vatel, o famoso cozinheiro de Luís XIV de França, que se suicidou por um falhanço culinário.

Andava sempre impecável com as cabaias muito brancas e o seu corfió vermelho de borla preta. Na cozinha era supereficiente e tinha dois ajudantes às suas ordens. Em dias de banquetes com mais de oitenta pessoas, ele andava feliz naquela cozinha enorme, com tudo grande, um fogão a lenha enormíssimo, um armário até ao tecto, misterioso, onde ele guardava os segredos das suas ementas. Eu, miúda curiosa, quando o Ali abria o armário, bem espreitava, mas ele, muito grande e volumoso, punha-se em frente e eu não lobrigava nada. Para mim tudo era maravilhoso naquela cozinha e, com o Ali, fui aprendendo muita coisa. A arte que ele punha na ornamentação das travessas! Parecia que, por ali, tinha passado uma fada com uma varinha de condão! E os doces, os pudins, os cremes, os fios-de-ovos e as compotas?

E o doce de papaia polvilhado com canela? E os doces de batata-doce e de coco, também polvilhados com canela? O exército de criados que servia à mesa com fardas brancas impecáveis, botões dourados a reluzir e de luvas brancas como neve, entravam na sala de jantar pela copa, e dava gosto vê-los servir à mesa sob a batuta do chefe dos criados, também negro, que vigiava os vinhos diversos e que zelava para que nada faltasse aos convidados. Parecia ter aprendido com o melhor *maitre d'hôtel* de Paris.

Nunca tive, em Portugal, empregadas domésticas tão boas como os criados do Ultramar. Eram impecáveis em tudo. Lembro-me de que, em Lourenço Marques, no Governo-Geral, os criados até fixavam os remédios que todos tomavam e punham os comprimidos nos respectivos lugares à mesa. Um dos ajudantes de meu pai não comia língua de vaca, tinha horror a esse manjar em que o Ali, o cozinheiro, era exímio. Quando o criado chegava com a travessa ao ajudante, o tenente Saraiva, avisava-o baixinho, ao ouvido: «É língua, senhor.»

A região de Tete, no Norte de Moçambique, é conhecida pelos belos pratos lá servidos nos almoços e jantares pantagruélicos que nunca mais acabavam. A primeira vez que meu pai foi visitar o distrito de Tete viu-se aflito com tantas refeições infindáveis. Uma vez foi de visita a Lourenço Marques um dos melhores «garfos» de Tete. Meu pai convidou-o para almoçar no Governo-Geral. «Sirva-se bem porque aqui só há sopa, o prato de peixe, o prato de carne e a sobremesa», dizia-lhe meu pai. O gastrónomo de Tete respondeu-lhe: «Ah, Sr. Governador, sempre há-de haver mais qualquer coisinha!» Nunca vi meu pai rir tanto.

E a entrada dos convidados? Isso era outro espectáculo para mim e meus irmãos. Íamos espreitar, do alto das escadas, as senhoras a deixarem os agasalhos no *toilette* e a retocarem penteados e pinturas. Quase todas levantavam as saias para esticar as meias e ajustar as ligas mostrando-nos, sem saberem, as variadas pernas: umas bonitas, outras gordas e tortas, magras, horrendas. E tínhamos de vigiar o Augusto, que estava sempre a pensar em partidinhas: atirar para baixo ratinhos, baratas enormes, nojentas, etc., etc.

Para nós, crianças, as festas e seus preparativos e tudo o que se passava na área da cozinha e copa, nas salas e salões, era o máximo do acontecimento.

Outra recordação era a caça aos lagartos de cabeça azul, monstruosos e assustadores. O caçador era sempre o Augusto, valente e atrevido. Conseguia agarrar os lagartos pela cabeça. Estes, furiosos, de boca aberta, torciam-se todos querendo atacar o inimigo com a cauda. Por fim lá os largava e era vê-los a fugirem, velozmente, para as árvores. Havia, espalhadas pelo jardim, várias araucárias muito altas, erectas, de ramos alternados e adelgaçando, como os pinheiros, para o topo. Pois o menino Augusto subia por elas acima, quase até ao fim da árvore. Não sei como nunca caiu. Eu tinha pesadelos com essas aventuras. Sonhava com milhares de

lagartos a atacarem-me e que o Augusto, o menino ruivo, sardento e terrível, caía das árvores e se estatelava todo partido no chão.

Já mais crescida, tinha, no liceu, uma colega negra, a Cacilda, boa aluna e da qual já falei e que aparecia para estudar comigo e era outro pesadelo, pois o meu irmão mais velho, com quem eu andava sempre á luta, dizia-me: «Não tens vergonha de ser amiga de uma preta? Se o pai sabe que andas com ela apanhas uma sova valente!»

Quando o criado me vinha anunciar que ela estava à minha espera, mandava-o levar a minha colega para uma das estufas, pois sabia que aí meu pai não a via. Mas uma vez ele viu-nos: o meu coração ficou tão apertado e fiquei tão cheia de medo! Quando a Cacilda se foi embora ele perguntou-me quem ela era. Respondi-lhe, apavorada, que era minha colega do liceu e que estávamos a fazer, juntas, o herbário. Ele retorquiu, sorridente: «Muito bem! Muito bem! Espero que tenham boa nota.» Querido pai, sempre bom e justo. Como pude eu acreditar no meu irmão António?

Em Lourenço Marques vi a coisa mais espantosa da minha vida: uma das sete pragas do mundo, uma praga de gafanhotos!!! Começámos a ouvir o bater de tambores, de latas e a gritaria do pessoal do jardim que estava a tentar afastar os gafanhotos para que eles não pousassem nas árvores, plantas e flores. Mas em vão! Segundo nos disseram, vem sempre uma pequena nuvem deles à frente e, de seguida, vem então a grande nuvem. O barulho do bater das asas era infernal. Vinham voando baixo, pousando na vegetação. Deixámos de ver não só as casas das três ruas que cercavam a residência da Ponta Vermelha como também o céu. Parecia noite. Os meus dois irmãos, que andavam sempre de calções e camisas brancas, aventuraram-se a sair de casa para verem melhor o espectáculo. Quando o Augusto e o João regressaram, vinham cobertos das caganitas que os gafanhotos iam fazendo pelo caminho. Os criados bem os avisaram para não saírem.

No dia seguinte o panorama era desolador. O chão coberto de gafanhotos mortos, as árvores e plantas despidas de folhas e flores. Vinham esfomeados e comeram tudo. Quem nunca viu uma praga destas não pode imaginar o que de facto é. Foi um espectáculo inesquecível.

Pior que a praga dos gafanhotos é a praga das gralhas em Goa. Pois aqueles aparecem com dezenas de anos de intervalo e as gralhas temos que as aturar todos os dias.

A praia da Polana tinha o recinto dos banhos rodeado de uma valente rede para os tubarões não passarem e os banhistas tomarem os seus banhos descansados. A rede era revista periodicamente e tudo bem.

A verdade é que não acreditávamos nos tubarões. Mas, uma vez, numa terrível maré cheia, um tubarão passou por cima da rede e estabeleceu-se o pânico na praia, que se encheu de mirones à espera de outra maré cheia que levasse o tubarão. Durante muito tempo toda a gente receava tomar banho de mar mas, passado certo

tempo, voltou a rotina dos banhos. Durante os doze anos que vivi em Lourenço Marques foi a única vez que apareceu um tubarão.

Também me lembro, como se fosse hoje, de uma tarde de futebol entre o Club Desportivo e o Sporting. Os directores dos clubes foram à bancada cumprimentar o Governador e pedir para uma das meninas ir dar o pontapé de saída. Meu pai indicou a minha irmã mais velha que se levantou logo e acompanhou os senhores ao campo. Era bonita, gentil e tinha 17 anos. Fiquei irritada e barafustei com o pontapé elegante e suave, como mandam as regras, que ela deu na bola.

- Então ela não sabe dar um bom pontapé? – exclamei eu furiosa.

Meu pai riu-se e disse-me:

- Para a próxima vez vais tu.

Quando houve outro desafio e fizeram o convite a uma das meninas eu, que tinha doze anos, levantei-me logo, corri para o campo e dei um pontapé com tanta força que a bola foi parar fora do campo. Gargalhada geral e muitos aplausos. Fui-me sentar convencida de que tinha feito uma linda figura. Uns anos mais tarde, em Goa, fui dar, num desafio, um pontapé de saída, mas com vinte anos já dei um pontapé com a elegância e suavidade de minha irmã Pilar.

Tinha 11 anos e andava na escola luso-africana quando esta foi visitada pelo comandante Sarmiento de Beires, na altura em que este aviador fez o primeiro voo, em 1927, de Lisboa a Lourenço Marques. Era um herói e, como tal, foi recebido em Lourenço Marques. Os alunos da escola ficaram excitadíssimos com a visita. Quando levei a notícia para casa, minha irmã Sara, muito entusiasmada, recomendou-me, ou antes, ordenou-me que, quando o herói entrasse na sala, eu corresse para ele, o abraçasse e beijasse. Assim quis fazer. Quando o aviador entrou na sala, levantei-me mas senti uma mão de ferro a segurar-me. Era a terrível D. Agostinha que controlava tudo.

- Onde é que a menina vai?

- Vou abraçar e beijar o herói. – respondi-lhe numa voz sumida de medo.

- Vá já para o seu lugar, quando for a altura eu chamo-a. – E chamou:

- Virgínia! – fiz-me de surda. Segundo berro valente:

- Virgínia! – Ouvia-a dizer ao homenageado: - Esta é a filha do governador-geral que quer abraçá-lo.

Bolas! Não era assim que a Sara queria, pensava eu, perdida a vontade de me manifestar. Mas obedeci aos olhares furibundos da professora. Depois contornei a sala enorme com as paredes decoradas com quadros grandes, coloridos, representando toda a história de Portugal e, olhando os meus heróis: D. Afonso Henriques, Egas Moniz, Nuno Álvares Pereira, D. Sebastião, o Marquês de Pombal, Vasco da Gama, etc., etc.

Achava que, agora, o novo herói, Sarmento de Beires, devia estar naquela galeria. Só com 11 anos e já tão patriota!

Voltando a Lourenço Marques, quando entrei para o liceu, meu pai chamou-me e ao meu irmão António para nos entregar duas cadernetas de bilhetes para os autocarros, as «maxibombas» como todos diziam. Havia uma paragem em frente de casa e outra em frente ao liceu. «Os meninos vão de maxibombo ou a pé. Não pensem nunca em ir de automóvel.»

Ao princípio achámos graça em ir de autocarro mas depois passámos a ir a pé com os colegas do bairro. Cortávamos caminho pelas traseiras e lá íamos contentes com os amigos. Trocávamos os bilhetes dos autocarros por bolas grandes e coloridas, pareciam berlindes mas eram rebuçados feitos pelos chineses da mercearia da esquina. Tempo de felicidade e inocência.

A maior parte desses amigos já morreram e aqui estou eu, uma velha, a recordá-los.

Celeste Barreiros, o que é feito de ti? Gostava tanto de te rever, companheira da minha meninice!

Em Lourenço Marques tive uma professora de francês, a Madame Lawrence, francesa de nascimento e viúva de um oficial inglês. Não sei como foi parar a Lourenço Marques. Foi professora de toda a gente nova da cidade. Ia todas as tardes, depois do almoço, e nunca faltava nem chegava atrasada. Sempre à mesma hora ouvíamos as duas badaladas a indicar, pelo porteiro, a entrada de uma senhora. Era fatal, era ela, nunca faltava. Íamos para o grande salão indiano. Começavam as aulas. Eu era boa aluna, estudava e preparava as lições. O António era o desespero da Madame Lawrence. Nunca sabia nada.

Uma vez ela teve a triste ideia de lermos a cantar segundo a música escrita que acompanhava o texto: «*Mon ami Pierrot, prête moi ta plume pour l'amour de Dieu!*»

Passados tantos anos ainda me lembro dos versos. Não conseguíamos cantar, não tínhamos ouvido, mas a professora, pequenina, frágil, lá cantava muito afinada e entusiasmada com uma voz muito agradável.

Também tivemos um explicador de latim, o Padre Fernandes, indiano. Como sempre, o António, para estudar, era uma negação.

O padre, aborrecido, dizia-lhe: «Menino António, há tempo para comer, há tempo para brincar e há tempo para estudar!» Aquelas explicações de latim eram um martírio. O tempo muito quente, o António a transpirar, a bufar e a bocejar punham-me doida. Ele conseguia pôr-nos, a mim e ao professor, a bocejarmos também.

Chegou finalmente o grande acontecimento que pôs em polvorosa a cidade: a visita da princesa Alice, neta da rainha Vitória de Inglaterra! O marido, o Conde de Atlone, era o governador-geral da África do Sul e vinha em visita oficial a Moçambique. Eram poucos dias mas o programa das festas era excitante para a

sociedade. As senhoras mandaram vir, de Lisboa, vestidos, chapéus, sapatos, luvas, etc. Não queriam ficar mal perante a comitiva feminina da princesa. Os visitantes ficaram instalados no Hotel Polana, remodelado para o efeito. A situação do referido hotel sobre a baía de Lourenço Marques era espectacular. Os jardins, campos de ténis e piscina tornavam o hotel muito conhecido e procurado por estrangeiros vindos de África do Sul. Na tarde em que a princesa Alice foi visitar minha mãe, ao Governo-Geral, minha mãe mandou que nos arranjássemos muito bem, pois iríamos ao salão cumprimentar a princesa. Quando nos chamaram lá fomos de escantilhão pelas escadas abaixo, muito bem vestidos, muito bem aperaltados. Na altura éramos oito irmãos.

Quando a princesa se foi embora minha mãe perguntou-nos se tínhamos gostado dela. Minha irmã Céu, criança de sete anos, respondeu: «Ora, ora, é uma senhora como a mãe!»

Minha mãe contou à princesa Alice esta resposta desiludida da criança. A princesa respondeu que, quando visitava hospitais e orfanatos de crianças, notava essa desilusão nos seus rostos e passou a fazer essas visitas com o seu diadema de princesa real e com as suas jóias. Sempre ficava com mais aspecto de princesa dos contos de fadas.

A seguir a esta visita foi a do Ministro das Colónias, Dr. Armindo Monteiro, e mulher, senhora fina e culta, Infante de Lacerda de solteira, pais do escritor Sttau Monteiro.

Conheci-o de calções antes de ir para Londres com os pais. O pai cumpriu bem o seu papel de embaixador de Portugal. O Dr. Armindo Monteiro, de origem simples, era simpático. Bom estudante, bem qualificado, tinha um futuro promissor à sua frente, tendo atingido altos cargos pelo seu valor pessoal.

Por esta altura foi a Lourenço Marques a Companhia de Teatro e Revistas de Hortense Luz. Foi um sucesso! O velho teatro *Varieté* estava sempre cheio. Nós íamos às *matinéés* para uma frisa acompanhados pela governanta. A revista tinha bons actores, principalmente os cómicos e os bailarinos. Meu irmão Augusto, mais novo do que eu, ria-se perdidamente, batendo com um dos punhos com força no parapeito da frisa. Alfredo Ruas era o seu preferido.

O guarda-roupa era espectacular, o que dava muito realce à representação. Muitas plumas, muitas lantejoulas e... muitas pernas ao léu das bailarinas. O corpo de baile era formado por jeitosas raparigas que, segundo as más línguas, deram a volta à cabeça de muitos homens e lhes esvaziaram as carteiras.

Também por essa altura, meu pai, acompanhado por minha mãe, foi de visita à África do Sul para retribuição da vista do Conde de Atlone e da princesa Alice. Foram poucos dias mas que correram muito bem. Lembro-me de ter sido muito falado o baile oferecido a meus pais e muito admirada a *toilette* de minha mãe, que

era uma pessoa muito querida em Lourenço Marques. Era muito inteligente, generosa e atenciosa com toda a gente.

Ela sabia que não podia igualar a princesa e as damas da sua corte em jóias porque não as tinha. Por isso optou pela abolição total das poucas que tinha.

Foi uma ideia genial com a qual brilhou.

Apresentou-se no baile com um lindíssimo vestido de veludo preto com uma pequena cauda bem lançada. Estava ultrachique, alta e elegante. O contraste com as outras damas era flagrante. A sua simplicidade e originalidade, sem uma única jóia, foi logo notada pela crítica social, na página mundana dos jornais. Ninguém acreditava que ela, a mulher do governador-geral de Moçambique, não tivesse jóias. Era assim minha mãe, em tudo o que fazia tinha muita classe. Teve 11 filhos. Nós, as seis filhas, ouvíamos muitas vezes dizer: «As filhas não chegam aos calcanhares da mãe.» Era uma verdade incontestada.

Acedendo ao pedido do Dr. Francisco Gentil e do Dr. Bernard Guedes, os grandes obreiros do Instituto de Oncologia em Lisboa, organizou um peditório em Lourenço Marques que foi um sucesso. Trouxe, quando veio a Lisboa, um saco com 1000 libras em ouro que, na altura, era uma fortuna. Um pavilhão do Instituto de Oncologia foi edificado com esse dinheiro e tem até, no átrio, uma lápide com os seguintes dizeres: «Este pavilhão foi construído com dinheiro vindo de Moçambique.»

Quando estive em Luanda, muitos anos mais tarde, recebi idêntico pedido do Dr. Bernard Guedes. E, seguindo o exemplo de minha mãe, mobilizei as senhoras de Luanda que me deram um auxílio precioso com a ajuda da mulher do governador, Sra. D. Fernanda Silva Carvalho, que, com a sua bondade e prestígio, me acompanhou sempre no peditório aos comerciantes e industriais. Não alcancei a verba fabulosa de Moçambique mas realizei algum dinheiro.

Voltando à escola luso-africana faço justiça à sua directora, a D. Agostinha, declarando que ela era uma professora muito competente. Onde teria arranjado aqueles mapas da História de Portugal? Tenho ainda na minha retina todas as dinastias com os factos mais importantes. Lá estavam os três reis Filipes, com as suas golas brancas, plissadas à grandes de Espanha. Eram odiados por todos os alunos. Vi muitas escolas, além das de meus filhos e netos mas, em nenhuma delas, vi quadros históricos tão vivos e explicativos como aqueles. Bravo, D. Agostinha!

Começaram os namoricos de escola e liceu. Namorei um rapaz Oliveira e Castro, engraçado e divertido. Foi campeão de ténis em Lourenço Marques. Um dia, na praia de Polana, estava um grupo grande reunido debaixo do enorme chapéu de sol, às riscas vermelhas e verdes, pertença da família Cabral, a jogar o velho jogo da berlinda, quando o chefe do jogo perguntou: «O que se vai fazer ao dono desta prende que vai sair?» «Vai dar um beijo na boca à Virgínia.» Levantou-se esse rapaz Oliveira e Castro, agarrou-me na cabeça e deu-me um valente beijo na boca. Furiosa,

fui a correr aos lavabos por baixo do *tea-room* e lavei a boca com muita água, muita água. Razão da minha fúria e desespero: na altura, com doze anos, julgava que os bebés nasciam dos beijos na boca.

Santa ingenuidade!

Antes de partir para Lisboa, comecei outro namoro. Embarquei para Lisboa e o namoro foi durante quatro anos por cartas. Como gostava de escrever, divertia-me a relatar tudo o que via e ouvia. Foi uma maravilha!

Sem medo de beijos, de abraços, de nada. Como foi isso possível? Fui para Goa e esse namoro platónico continuou. Falando em casamento e que iríamos em viagem de lua-de-mel às Olimpíadas, no Japão, fiquei aterrorizada porque vi que não gostava dele para casar. Era só para escrever, escrever cartas. Lá acabou tudo sem o tornar a ver. Foram quatro anos de cartas de Lisboa, mais dois anos de Goa. Desde os 15 anos aos 22 anos! Apre!! Uns meses depois de me sentir livre, conheci o meu marido e, em três meses, namorámos e casámos. Apre!! Foi uma maravilha que abordarei no capítulo de Goa.

As poucas idas a Lisboa deixavam-me sempre tristes, pois sabia que essas breves estadias eram aborrecidas e não conseguia esquecer a vida alegre e moderna de Lourenço Marques. Em Portugal, quando queria jogar ténis, era raro arranjar parceiros. Nessa altura diziam que praticar esse desporto era só para ricos... Também não podia ir ao cinema durante uns meses, pois os filmes que estavam a passar nos cinemas lisboetas já os tinha visto em Lourenço Marques. O cinema sonoro apareceu naquela cidade muito antes do que em Lisboa. Os filmes sonoros iam para o velho cinema *Varieta* em carrinhas fechadas, vindas da África do Sul, com toda a aparelhagem necessária. A vida moderna avançada de Lourenço Marques devia-se ao facto de estarmos tão perto dos ingleses na África do Sul.

Mas o que eu mais detestava em Lisboa era ver tantos pedintes pelas ruas e a pedir às portas. Isso afligia-nos a mim e aos meus irmãos. Dávamos tudo o que podíamos pela porta de serviço. A senhora do primeiro andar avisava minha mãe, dizendo apavorada: «Os seus filhos até dão chouriços inteiros pela janela!» Minha irmã Sara era a mais generosa, até ia fazer omeletas para meter em pãezinhos e dar às crianças pobres. Creio que foi por a casa, um rés-do-chão, estar sempre rodeada de pobres que minha mãe resolveu mudar para um quarto andar da Avenida da Liberdade! Em Lourenço Marques não se viam pobres, nem negros nem brancos, a pedir esmola pelas ruas.

A viagem para Lisboa no paquete *Cuanza* foi divertidíssima. Quando, neste barco, passámos no porto de Dakar, capital da África Ocidental francesa, foi uma desilusão, pois o atraso em que ali se vivia era confrangedor. Achávamos Lourenço Marques e Luanda uma maravilha, em comparação com Dakar. Quase não havia vegetação, nem árvores, trepadeiras ou flores. Devia ser pela proximidade do deserto

do Sara. A única coisa que admirámos foi a quantidade de táxis com motoristas negros, falando impecavelmente francês, o que ainda não existia nem em Moçambique nem em Angola. O que havia, quase porta sim porta não, eram bares onde todos se refrescavam, bebericando, pois o calor era infernal. Também não havia vivendas bonitas. Quando passámos no Cabo da Boa Esperança aí sim, vimos casas lindas com jardins arrelvados e muitas flores como, por exemplo, a casa do general Smuts.

Em Lisboa fomos todos para um rés-do-chão mobilado na Avenida da República.

Há sessenta e dois anos aquela avenida parecia campo. Até víamos a atravessar a avenida, perto do Campo Pequeno, rebanhos de ovelhas.

As amigas diziam que tínhamos ido morar para muito longe para fora da cidade! Hoje, passados 62 anos, aquela avenida tem um movimento brutal de carros e autocarros.

Mais tarde mudámos para um 4.º andar na Avenida da Liberdade. Por baixo, no 3.º andar, morava o Dr. Quirino de Jesus, amigo e conselheiro de Salazar. Às vezes via-se Salazar entrar no 3.º andar.

Por vezes meus irmãos e eu fazíamos barulho a correr no corredor, que era muito comprido. O andar era enorme, tinha 22 divisões. Quando o barulho era demasiado, a mulher do Dr. Quirino de Jesus mandava o recado para os meninos fazerem menos barulho porque o Sr. Doutor estava doente. Quando saímos daquela casa, porque era um 4.º andar sem elevador e as escadas faziam mal a minha mãe, batemos à porta do Dr. Quirino e entregámos um abaixo-assinado, pedindo muita desculpa pelo barulho que fizéramos, mas éramos 10 irmãos, quase todos crianças. Seguiam-se 10 assinaturas. Deviam ser nove porque a mais velha já tinha casado com o tenente Fernando Pães, sobrinho de Sidónio Pães. Fernando foi cavaleiro e campeão olímpico, nos Jogos Olímpicos que se realizaram na Alemanha em 1936. Mas dez assinaturas impressionavam mais do que nove, achávamos nós.

Quero ainda falar da viagem anterior à última da qual já falei. Foi no fim da Primeira Grande Guerra, de 1914 a 1918. Foi uma viagem terrível. Partimos da Ilha de Moçambique, no paquete *Moçambique* declarara-se a pneumónica e todos os dias morriam passageiros e tripulantes. Minha mãe contava que já não havia pessoal nem cozinheiro. Era um «salve-se quem puder». Os passageiros tinham de fazer a própria comida. Éramos, na altura, oito irmãos. Minha mãe fechou-nos no camarote e levava lá a comida que confeccionava na cozinha. Já não se faziam caixões nem cerimónias fúnebres. Os corpos eram lançados ao mar, embrulhados em lençóis.

Quando passámos a Ilha da Madeira o comandante reuniu todos os passageiros mais categorizados que iam a bordo para decidir a rota a seguir pelo barco: irem pelo caminho mais longo, para fugir ao submarino alemão que estava em luta com o caçaminas da marinha portuguesa, o *Augusto de Castilho*, comandado pelo valente oficial

de marinha português Carvalho de Araújo, que morreu em combate, tendo sido substituído, pelo segundo-comandante, tenente Ferraz, outro valente. Conheci este oficial, já almirante, quando estive chefe do departamento marítimo em Luanda. Foi decidido seguirem pelo caminho mais curto e atravessar em velocidade a zona de combate, pois a situação a bordo, a morrer tanta gente, era insustentável.

Chegados a Lisboa, onde já grassava a pneumónica, o delegado de saúde ordenou que o barco ficasse de quarentena. Quando entrou a bordo foi recebido à batatada pelos passageiros e ninguém obedeceu à ordem, desembarcando todos e correndo para as famílias, que os esperavam no cais. Minha mãe contava que um senhor que entrara na Ilha de Moçambique, com a mulher e três filhos, chegou a Lisboa sozinho. O infeliz agarrou-se às mãos de minha mãe e, a chorar, felicitou-a por ter chegado ao fim da viagem com o marido e os filhos todos.

Nessa altura eu tinha três anos. O meu avô paterno tinha alugado casa para nós, na Rua António Pedro.

Pouco tempo depois meu pai regressou a Moçambique e a família ficou em Lisboa.

Nestas minhas memórias, a ordem cronológica das viagens, factos e acontecimentos está bastante alterada por culpa da minha memória de velhota. Procuo ser rigorosa mas a memória atraiçoa-me. Tinha os meus quinze anos quando o governador-geral da África do Sul e mulher, os condes de Clarendon, visitaram Lourenço Marques. Foram as festas e recepções habituais: houve um grande passeio a Marracuene para os visitantes verem os hipopótamos no rio Marracuene, que eram imensos e enormes. Um bicho tão feio e que tanto os encantou... Quando a princesa Alice visitou Moçambique, a África do Sul ainda não estava independente.

Depois, com a acção do general Hertzog e do general Smuts os Ingleses deram a independência à África do Sul. Quando o conde de Clarendon visitou Lourenço Marques o seu Governo já era misto, com sul-africanos e ingleses e com os dois generais *boers* como ministros. O conde de Clarendon já levou na sua comitiva um ajudante *boer*. Era um rapaz simpático mas o seu inglês misturado com o *boer* era incompreensível. Eu não percebia nada do que ele dizia mas, como uma pacóvia, dizia sim a tudo. «Oh! Yes! Yes!» Agora, com a independência, o Governo só tem elementos sul-africanos! Foi uma independência civilizada, sem revoluções nem guerras. Os ingleses que quisessem ficar, ficavam. Era o que teria sido desejável para Angola e Moçambique.

Estávamos a preparar tudo para regressar com meu pai a Lisboa. Começaram as festas de despedida. Lembro-me do baile no velho Grémio Militar. As festas nesse grémio eram as melhores. As do Grémio civil eram um pouco *snoobs*. Era uma elite com peneiras. Embirrava com a admissão dos sócios. Não entrava quem quisesse,

havia o sistema da bola branca e da bola preta. Bastava um aspirante a sócio receber uma bola preta na urna para não ser admitido. Bolas para tanta cagança!

O Grémio Militar era mais simpático, mais acolhedor, mais aberto. Sabíamos que lá encontraríamos todos os amigos e divertíamos-nos muito. Os bailes não começavam sem chegar o governador-geral. À sua entrada, no salão do baile, os músicos tocavam *A Portuguesa*. Uma vez, num baile de despedida, o meu irmão Augusto, que era duro de ouvido, avançou para uma menina e convidou-a para dançar, aos primeiros acordes do *Hino Nacional*. Que bronca! Toda a gente em redor do salão em silêncio, perdidos de riso, e eles sozinhos a dançar! Quando deram por isso, pararam no meio do salão, corados e envergonhados.

Embarcámos no *Cuanza*, barco novo e moderno. Quando chegámos ao Cabo da Boa Esperança, meu pai recebeu um convite para almoçar no Palácio com o governador, conde de Clarendon e para um *cocktail* em casa do general Smuts. Puseram um carro à disposição de meu pai. À hora marcada para nos virem buscar e, no cais, estava uma guarda de honra, à qual o meu pai passou revista. Havia um grupo de militares de tambores a fazerem habilidades espectaculares com as baquetas. Foi um êxito. Os passageiros que estavam aglomerados na amurada do *Cuanza* deram uma viva salva de palmas.

Fomos primeiro a casa do general Smuts para o *cocktail*. Foi ao ar livre num jardim lindo, com muitos relvados, muitas flores e muitos convidados. Seguimos depois para o almoço no Palácio do Governador. No almoço sempre a mesma coisa: muitas altas personalidades desconhecidas, muita conversa sem interesse para mim, rapariguinha de 15 anos. Só me ficou na lembrança um belíssimo *roast-beef* como só os Ingleses sabem fazer. Mas, a estragar tudo, uma molheira com molho de carne que, afinal era *jam*, compota doce!

E eu que barrei a carne bem barrada com o doce! Comer aquilo foi um sacrifício. Céus, não sei como não caí para o lado agoniada.

Acabo aqui as minhas recordações de Moçambique, essa terra tão querida e tão mártir.

Sinto-me terrivelmente cansada e triste de tanto recordar. As recordações avivam as minhas saudades de menina. Quando penso naquelas terras africanas comove-me a lembrança do perfume inesquecível que me inebriava mal punha os pés, ao sair dos barcos, em terra firme. O perfume das flores tropicais, no cacimbo, acompanhado do cheirinho da terra molhada, ainda me perturba. É uma verdade que o perfume, qualquer perfume, é evocativo. Em Portugal sente-se o perfume suave das rosas, dos cravos, das violetas. Em África sente-se o perfume forte, intenso, das gardénias, do loureiro-do-japão, dos nabiscos, do jacarandá, etc. O mel de Portugal é de sabor agradável mas o de África é de sabor forte, às vezes um pouco enjoativo. Até os

insectos, as formigas enormes, as borboletas, os pássaros variados, são diferentes dos da Metrópole. Passava horas, no jardim, a observá-los.

Adeus, minha querida terra, não posso esquecer-te!

Goa

Juventude e casamento

Pouco tenho a contar sobre Goa, pois ali sentia-me um pouco estranha, não me sentia como em Moçambique, que era a minha terra natal muito querida, gostava até mais de lá viver do que em Lisboa.

Partimos de Lisboa, a caminho de Goa no Verão de 1934 num barco holandês pequeno, muito pequeno, mas um mimo de luxo, o *Dempo*.

Os criados de mesa e dos camarotes eram altos e louros, bem parecidos, bem fardados até pareciam oficiais! Os outros criados eram malaios e quase todos com dentes de ouro. Metiam medo e estavam sempre acorados à porta dos camarotes, prontos a atenderem os passageiros sempre com muitos cumprimentos e salamaleques. Os meus dois irmãos mais novos tomavam as refeições na sala de jantar das crianças e a seguir iam para a cama.

Logo no primeiro jantar dos adultos minha mãe recebeu um bilhete trazido pelo malaio do nosso camarote e escrito pelo meu irmão mais novo: «Mãe, estamos com medo desse homem!» Minha mãe foi ao camarote e lá os tranquilizou. Realmente, o malaio com a dentadura de ouro e as vestes orientais metia medo a qualquer criança.

Os primeiros portos a avistarmos, ao longe, foram Gibraltar, Ceuta e Tânger. Quando passámos, muito perto, pela fortaleza de Gibraltar muitos passageiros estavam de binóculos, porque queriam ver os macacos à solta, pois ali era o único sítio na Europa, onde os macacos andavam em liberdade.

Ao entrarmos no Mediterrâneo seguimos rumo a Marselha onde os passageiros se dispersaram. Uns iam para a Cote d'Azur e outros para Itália e Grécia. Os passageiros que iam para a Índia mudaram então para o grande paquete – o *Mooltan* – da companhia inglesa P. & O., que fazia as carreiras para a Índia. O cônsul português em Marselha deu-nos todo o apoio para a mudança de barco. Finalmente deixámos Marselha a caminho de Port-Saïd, onde ingressámos num comboio de barcos aguardando a vez de entrar no canal do Suez, um barco de cada vez e muito devagar. Estava à vista a grande e colossal obra do diplomata francês Ferdinand de Lesseps, que deixou a carreira diplomática e foi para o Egipto onde iniciou a construção do canal. Os passageiros corriam de bombordo para estibordo para

verem as margens de África e da Ásia, ambas áridas e desertas mas só viam camelos. Percorrido o canal, entrámos no Mar Vermelho, directos a Aden. No Golfo de Aden seguimos para Bombaim pelo oceano Índico.

Nesta altura a vida a bordo tornou-se divertidíssima com jogos variados, campeonatos de pinguepongue, corridas de natação na piscina, bailes e, no fim, a cerimónia solene da distribuição de prémios feita pelo comandante do barco. Estava no auge a dança inglesa do *Lambeth-Walk*. Os pares davam-se as mãos e faziam uma bicha enorme que saía da sala do baile e percorria, como louca, o convés. Em Lisboa dançava-se o «*Tiro-liro, tiroló, juntavam-se os dois à esquina a dançar o solidó*». A mocidade de hoje não se lembra das danças alegres do meu tempo, que eram bem divertidas.

Finalmente avistámos Bombaim. Levámos quase um mês a chegar ao destino. Bombaim fica numa ilha enorme situada em frente à costa ocidental da península indiana, à qual está ligada por várias pontes. É um excelente porto marítimo com uma espectacular estação dos caminhos-de-ferro. Bombaim foi oferecida aos Portugueses pelos muçulmanos de Guzarate em 1534 e, em 1661 os Portugueses ofereceram-na aos Ingleses como parte do dote de casamento de D. Catarina de Bragança com o rei D. Carlos II de Inglaterra.

A estação dos caminhos-de-ferro de Bombaim não me sai da memória pela sua grandeza e pelo movimento de comboios, constantemente a chegarem e a partirem. Muitas linhas, muitas plataformas e os comboios cheios de indianos saindo para toda a Índia. Incansáveis viajantes e sempre sem bagagens. O que os faz andar assim, neste vaivém constante? Visitas a familiares? Procurar empregos? Motivos religiosos? Nunca cheguei a saber. Nunca vi uma cidade tão grande, tão rica e com tanta miséria à mistura!

A obra dos ingleses na Índia é visível e espectacular. Transportaram para Bombaim muito de Londres. Os edifícios públicos têm muito da grandeza e majestade dos da grande cidade londrina. Até os grandes armazéns comerciais como o *Army and Navy* e o *White Ways* são do estilo dos grandes armazéns de Londres. O que eu nunca vi foram vacas às janelas de andares altos de habitação como vi em Bombaim. As vacas são animais sagrados para os Hindus, mas a tal ponto!!

Meu pai que chegou a Goa primeiro que a família, veio de Pangim a Bombaim esperar-nos. Ao sairmos do barco, estava no cais uma grande comissão da comunidade goesa a receber-nos e a dar-nos as boas-vindas com afectividade. Enfiaram um colar de flores a meu pai, outro mais pequeno a minha mãe e, de seguida, outros mais pequenos a mim e aos meus quatro irmãos mais novos. Costume lindo praticado com muito colorido e carinho em toda a Índia para homenagear personalidades de categoria.

Voltando à nossa chegada à Índia, finda a cerimónia dos colares de flores, fomos para o hotel *Taj Mahal*, onde almoçámos e esperámos a hora de voltarmos ao cais e embarcar no barco costeiro *Mandovi*, que nos levaria a Pangim, capital de Goa. O hotel era monumental e lindo como nunca vi outro: uma mistura de luxo oriental e ocidental.

O Taj Mahal é um monumento em Agra, na Índia, mandado construir pelo imperador Shah Jaham em memória da sua esposa Muitaz Mahal, que morreu de parto. Os restos mortais do casal encontram-se na cripta do monumento, que é uma obra de arte mundialmente conhecida e muito visitada. Uma história de amor que comoveu o povo indiano.

De Bombaim a Pangim levámos vinte e duas horas. Passámos o tempo no salão do barco a vermos o que se passava no convés de baixo, onde iam, a monte, hindus, homens, mulheres e crianças. À hora da refeição comiam, ali mesmo, o farnel que levavam. Com o arroz branco, faziam, com gestos elegantes das mãos esguias, umas bolinhas pequenas e perfeitas que metiam à boca juntamente com o caril de peixe, decerto muito picante. As mulheres de saris variados, todos bonitos, tinham um aspecto elegante, distinto e um ar misterioso. Pintavam-se de modo diferente conforme fossem solteiras ou casadas.

À hora da nossa refeição fomos para a sala de jantar, onde nos foi servida uma requintada refeição de comida indiana. O comandante, um oficial indiano alto e magro, de barbicha, muito distinto, impecavelmente fardado, fazia as honras da casa. Só se falava inglês.

Finalmente, chegámos a Pangim, onde muita gente nos esperava. Findos os cumprimentos de boas-vindas, partimos directos para o Palácio do Cabo, onde ficámos a residir. Seguimos em dois carros, pois éramos cinco irmãos mais os pais e os dois ajudantes. A primeira impressão foi desoladora. A paisagem, à base de palmeiras e coqueiros, era de facto bonita, mas, ao longo do caminho, pouco mais de meia hora, tudo era pobre e triste. Passámos por Caranzalém, praia de areia fina mas cinzenta, pouco apetecível.

Perto de Caranzalém havia Taleigão, aldeia de pescadores onde, há séculos, os seus habitantes ajudaram Afonso de Albuquerque que, com as suas tropas, estava cercado pelos soldados de um terrível sultão turco, o Haldão. Os pescadores levavam-lhes nos seus barcos água, comida e frutas, apesar do Haldão mandar matar famílias inteiras dos pescadores que ajudavam Afonso de Albuquerque, o qual em 1510 acabou por vencer o tirano turco e foi o herói venerado até hoje pelo povo de Goa. Em frente a Caranzalém, na outra margem do rio Mandovi, havia a praia de Calanguete, essa sim, uma bela praia de areia muito fina e limpa. Anos mais tarde, já nós lá não estávamos seria a praia dos *hippies* americanos, filhos perdidos de famílias ricas que não lhes faltavam com dinheiro e envergonhados os mandavam para longe.

Chegámos ao portão da cerca do Palácio do Cabo, onde um guarda mouro com vestes de grande gala e um turbante amarelo nos fez uma grande vénia, ao abrir o portão. Em dia de cerimónia o turbante e a faixa eram amarelos mas, no dia a dia eram vermelhos. O palácio, situado mesmo na ponta do Cabo, sobre o mar, estava rodeado de uma cerca enorme com árvores tropicais, mangueiras de várias qualidades (qual delas a melhor, dando frutos sem fios cremosos e gostosos), bananeiras, cajueiros, papaieiras e muitos arbustos de sumaúma. Havia o tamarindo, fruto agridoce indispensável para temperar o caril. O palácio, um antigo mosteiro, fora habitado por monges que sabiam cultivar as melhores qualidades de cada espécie. O usufruto daquela cerca pertencia, por lei, ao governador-geral mas o meu pai dava, todos os anos, esse rendimento aos pobres do local. Na parte de baixo do palácio, onde haviam sido as celas dos monges, estavam os quartos do pessoal doméstico e suas famílias. Em cima, uma ala em redor dos claustros eram os quartos do governador e família. Depois, contornando todo o palácio, eram as salas, salões e saletas sem fim. Todas estas salas e quartos davam para uma grande varanda que rodeava o palácio e dava para o mar, sobre rochedos a pique. Toda a noite ouvíamos o mar bater sobre as rochas mas acabámos por nos habituar.

Começaram as visitas de cumprimentos a minha mãe. E assim fomos conhecendo a sociedade daquela época: europeus, goeses e descendentes dos grandes fidalgos portugueses. Uma das famílias eram os Távoras, deportados pelo Marquês de Pombal, sempre orgulhosos dos seus antepassados.

Comecei a adaptar-me àquela vida, tão diferente da de Moçambique, que era a que eu conhecia melhor e a que mais amava. Começámos a conhecer gente nova, sobretudo raparigas. Os rapazes europeus eram raros porque, quando acabavam o liceu, iam para Metrópole continuar os estudos. Aqueles que regressavam vinham já casados.

Quando meu marido chegou, como delegado do Procurador da República, solteiro, distinto, simpático, louro de olhos azuis foi recebido no meio feminino como uma *avis rara*. Comigo foi um *coup-de-foudre*. Passados três meses casámos e já fizemos 52 anos de casados em grande felicidade.

Ainda em solteira assisti a um pôr-do-Sol como só existe no Oriente. Foi durante a última guerra mundial e estavam ancorados no porto de Mormugão dois barcos de guerra ingleses. Nesse dia era a recepção oficial em honra dos oficiais ingleses. Estivemos todos, nas varandas, a assistir, extasiados, ao espectáculo até completo desaparecimento do Sol, uma bola de fogo no horizonte. Quando se fala do pôr-do-Sol no Oriente, sinto-me uma feliz mortal por ter assistido a esse belo e raro espectáculo. Num desses barcos vinha, incógnito, o então príncipe herdeiro de Espanha, D. Juan, pai do actual rei. Estava a fazer serviço militar nesse barco de guerra. Também, por essa altura, passou em Goa o príncipe Paulo da Grécia que

andava a viajar, ainda solteiro, pelo mundo. Levava uma pequena comitiva composta por altas personalidades gregas e uma secretária particular. Que linda secretária! Alta, ruiva, de olhos verdes belíssimos. Nunca vi ruiva tão bela. Houve uma pequena recepção e um almoço oferecido ao príncipe.

Este casou-se anos mais tarde com a rainha Frederica. A actual rainha Sofia de Espanha é uma das filhas do rei Paulo da Grécia e da rainha Frederica.

Nestes oito anos de estada em Goa pude verificar como o povo é culto e humano. Uma cultura milenária e com uma arte requintada. Por todo o lado há templos, santuários, igrejas, monumentos artísticos com trabalho de fina escultura, arrendados em mármore, pedra ou madeira. Pelo contrário, em África, podemos andar quilómetros pelo mato e só vemos palhotas, palhotas e nada de arte.

Acompanhei minha mãe na retribuição das visitas das senhoras goesas que vieram de vários pontos de Goa. Atravessámos o rio Mandovi num *ferry-boat*, barçaça tipo jangada a vapor que transportava os carros de uma margem para a outra.

Quando dizíamos *ferry-boat* meu pai dizia que não percebia, obrigando-nos a dizer, em bom português, barçaça de passagem. Já em Lourenço Marques, quando lá chegámos, as indicações na via pública eram quase todas em inglês.

«Quando vamos à África do Sul as indicações são em inglês. Quando eles cá vêm, que aprendam português!» Estas atitudes eram muito aplaudidas por todos. As indicações foram todas retiradas e substituídas por placas em bom português.

Em Pangim, nas visitas com minha mãe, conheci Margão, Mapuçá, Valpoi, Morungão, Pondá, etc. Não se via miséria, os campos estavam todos cultivados, bem aproveitados, o que não se via na Índia inglesa, onde fora das cidades a miséria proliferava, com muitos párias e pedintes. Ernest Hemingway, o grande escritor americano, dizia, num dos seus livros, que mal se atravessava a fronteira a diferença era notável a favor da Índia Portuguesa. Fui também a Velha Goa, em tempos a capital. Foi abandonada devido às epidemias de peste e cólera. Fui à igreja do Bom Jesus quando da última exposição do corpo incorrupto de S. Francisco Xavier, o santo mais venerado de todo o Oriente. Era um jovem padre que veio de Navarra a Portugal oferecer os seus serviços a D. João III. Teve uma vida exemplar e morreu em Sanchoão, na China. O seu corpo incorrupto veio para Goa e jaz num sarcófago de prata lavrada com incrustações de pedras preciosas. Agora, quando é exposto, encontra-se numa urna de vidro fechada, para o proteger dos fanáticos religiosos que arrancavam bocados das vestes para relíquias- Falta-lhe o dedo mindinho de uma das mãos que, dizem, foi arrancado com os dentes por uma esposa de um alto funcionário. Nessa última exposição, sem urna de vidro, vi o corpo incorrupto do Santo, que parecia de barro seco e escuro.

Volto a recordar Goa, onde cheguei em 1934 e vivi um tempo maravilhoso de paz e sossego. Mas essa monotonia até cansava e desesperava. Em 1939 declara-se a II Guerra Mundial. Passávamos o tempo a ouvir, pela rádio, a BBC a dar notícias da guerra, que só terminou em 1945. Para mim houve grandes mudanças. Estava apaixonada por um homem atraente que nunca me desiludi nestes 52 anos de casados e andava entusiasmada com o meu casamento. Fazer o enxoval e mobilar a casa que alugámos por 50 rupias, 400 escudos por mês!!! Era nova e fomos estreá-la ainda a cheirar a tintas e cal frescas. Nessa casa nasceu o meu filho mais velho.

Quando tinha sete anos, em Lisboa, perguntei à criada como nasciam os bebés. Ela era bastante nova e respondeu-me com ar de muita admiração que me deixou encabulada: «Então a menina não sabe que é pelo umbigo?!!!». Hoje, quando me lembro do espanto dela pela minha ignorância, penso que ela também julgava que era por aí que nasciam os bebés! Até o meu primeiro filho nascer nunca falei com ninguém, nem com amigas da escola e liceu nesse sagrado assunto. Era, na altura, tabu. Eu era ingénua mas não era burra e era alegre e comunicativa. Estava deitada ao lado de meu marido e olhando o umbigo, muito esticado numa barriga enorme, disse-lhe: «Como é que isto vai ser? O médico e parteira vão dar-me um corte muito grande?» Meu marido senta-se na cama, e de olhos arregalados de espanto, diz-me: «O que é que estás a dizer?!!!» Depois da minha resposta, explicou-me muito explicadinho como e por onde ia nascer o bebé. Foi a vez do meu espanto. Como era possível um bebé grande nascer por ali?! Até ao dia do parto andei angustiada e cheia de medo. O bebé era muito grande, pesava quatro quilos e estive doze horas em grande sofrimento. Então não era mais fácil abrir a barriga pelo umbigo? Seria uma cesariana, operação por que optam hoje muitas mulheres. Tive, depois, mais 10 filhos e cada vez foi mais fácil e rápido.

Agora divirto-me muito, quando vejo uma grávida do primeiro filho, a perguntar-lhe como vai nascer-lhe o bebé. Nestes anos todos só encontrei duas ingénuas que julgavam, como eu, que era pelo umbigo. A última vez foi a uma cunhada duma nora minha que me respondeu muito rápida: «Por onde entrou!!» Fartei-me de rir.

Mas voltando ao meu noivado. Havia vendedores ambulantes de bordados lindos, feitos à mão, por homens chineses. Toalhas, toalhinha, lençóis, camisas de noite, etc. Mal souberam que havia uma noiva no Palácio do Cabo, começaram a aparecer como cogumelos, com as trouxas às costas. Não pronunciavam os «rr», trocando-nos por «ll». «'Compla' menina, muito 'balato', muito 'balato'». As toalhas de *filet* bordadas à mão eram uma maravilha. Trouxe um enxoval muito lindo e muito «balato». Se adivinhasse, na altura, que ia ter seis filhas e cinco noras, mais teria comprado. Hoje já distribuí as toalhas pelas filhas. Fiz rifas.

E os sapatos? Não havia sapatarias, mas havia sapateiros que eram uns artistas. Era só escolher os modelos por figurinos franceses. Eles tiravam as medidas dos pés e

depois lá apareciam no palácio para provarem os sapatos. Só provei sapatos em Goa. As gáspeas vinham presas às solas por inúmeros preguinhos, muito fininhos! Os saltos, que na altura se usavam muito altos, também estavam pregados às solas pelo mesmo sistema. Todo o material, cabedal e peles, era do melhor. De resto, para vestuário tudo era do mais fino e melhor, importado da Suíça e Paris: tecidos, rendas, setins, veludos, tafetás, lamés, botões, fivelas. E os linhos vinham da Irlanda!

Declarou-se a II Guerra Mundial e as importações pararam. Na alimentação também começámos a sentir a falta de frutas e hortaliças, que vinham da Índia Inglesa. Tudo ia para os soldados sempre em luta com alemães e japoneses. O arroz fino, importado, também desapareceu e passámos a comer o arroz do povo que, por acaso, era bem gostoso. Era um arroz que, depois de colhido, levava logo uma leve cozedura com casca, para assimilar as vitaminas que aí existiam. O arroz inchava e era posto em eiras, a secar, para de seguida ser vendido. O bago do arroz ficava muito grande e alimentava melhor.

Era obrigatória essa cozedura, porque o povo indiano, como não comia carne e outros alimentos com vitaminas, comia, ao menos, as vitaminas da casca do arroz. O Indiano é, realmente, um povo fraco com poucas resistências e muito atreito à tuberculose.

Minha mãe, Sara de Medeiros e Albuquerque Cabral, fez uma grande obra, em Goa, a favor dos tuberculosos.

Arranjou muito dinheiro em peditórios muito bem recebidos por todos, ricos e pobres, e conseguiu subsídios do Governo e de outras instituições. Teve uma ajuda valiosa da parte do deputado e médico indiano, Dr. Froilano de Melo, casado com uma senhora suíça que se pôs em contacto com médicos suíços que, de tempos a tempos, iam a Goa fazer operações a doentes do sanatório e, ao mesmo tempo, ensinar estudantes da Escola de Medicina de Goa.

Por esta grande obra humanitária, minha mãe, antes de morrer, em Lisboa, recebeu a condecoração da Ordem de Benemerência.

Apesar da guerra e de Portugal se ter mantido neutral (graças a Salazar) não sentimos os horrores da guerra. Em Goa lá íamos resolvendo os pequenos problemas de faltas alimentares. As batatas por exemplo, que faltaram, eram substituídas por beringelas que, descascadas, eram cortadas em fatias muito fininhas e fritas. Eram um regalo! Pareciam mesmo as queridas batatas fritas e acompanhavam os bifes de búfalo e os ovos estrelados à boa maneira portuguesa. A fruta fazia realmente falta, mas como tínhamos boas mangas, papaias e bananas lá íamos vivendo, rindo e cantando!

Também faltava a gasolina e meu pai cortou as nossas idas à cidade. «Querem ir? Vão de bicicleta!» Mas essas idas eram até divertidas, em grupo. Lá íamos também, de bicicleta, «rindo e cantando»!

O cozinheiro e o ajudante que costumavam ir às compras, num calhambeque antigo aberto, passaram a ir de bicicleta. Paciência! Não havia gasolina!

Por causa da falta da gasolina meu pai deu um despacho que foi muito falado pela graça e oportunidade. Teve um pedido em papel selado, para ser fornecida gasolina às camionetas que faziam as carreiras para Velha Goa, pois esse ano havia a exposição do corpo incorrupto de S. Francisco Xavier. O despacho foi o seguinte: «Quem tem fé, vai a pé!»

Nesse tempo, como éramos um país neutral, alemães e italianos refugiaram-se em Goa. Dois navios de carga alemães refugiaram-se no porto de Mormugão e ali estiveram até ao fim da guerra. Mas, já saturada da situação, a tripulação amotinou-se e, embriagada, pegou-se à pancada. Houve feridos e chamaram a polícia.

Em frente à minha casa vivia um casal alemão, muito estranho. Ela parecia um homem e toda a gente dizia que eram espias a favor dos ingleses. Um dia dois ingleses vieram buscá-los. O casal dizia que os alemães dos barcos os queriam matar. Passaram a fronteira sem pedirem auxílio às autoridades portuguesas, o que levou a crer que não iam raptados ou forçados. Meu pai devia saber o que se passava mas, como era muito reservado, nunca soubemos nada.

A casa dos alemães ficou vaga e como era maior do que a nossa e eu estava à espera do segundo filho, resolvemos mudar para lá. Minha mãe tinha tido uma amiga alemã que a tinha ajudado muito em Moçambique. Minha mãe teve também onze filhos e a ajuda dessa senhora alemã foi-lhe preciosa. Então dizia-me: «Vais encontrar uma casa muito limpa, as alemãs são excelentes donas de casa.» Não tive coragem de a desiludir e dizer que a casa estava nojenta. Na copa, a forrar as prateleiras e gavetas estavam jornais velhos cheios de nódoas de gordura. Minha mãe gostava muito dos alemães e detestava os ingleses, achava-os altaneiros, vaidosos e com ares superiores. A nossa família em Lisboa andava intrigada com as cartas que recebiam de minha mãe. Chegavam todas censuradas pelos ingleses com parte das frases ilegíveis, tapadas com tinta preta. Minha mãe explicava: «Só lhes chamo burros, estúpidos, vaidosos e que vão perder a guerra!»

Felizmente não perderam.

Fiquei noiva no dia de Natal de 1940 e casei em Março de 1941! A guerra só acabou em 1945.

Meu marido, que é oriundo de uma família religiosa de 11 irmãos, quis um casamento religioso e uma missa! Tem um irmão prior em Aveiro há muitos anos e uma irmã freira, hoje doente no lar de S. José em Santo Tirso. Sou muito amiga deles e eles fazem-me o favor de retribuir essa amizade.

O tio-avô materno de meu marido era o bispo D. Tomás Gomes de Almeida, que foi bispo de Luanda, de Goa e da Guarda. Nasceu em Vale de Cambra. Era muito respeitado por todos e foi Par do Reino.

Meu marido e eu temos muita coisa em comum: somos 11 irmãos e somos os quintos de cada irmandade; ele tem um tio-avô materno que foi Par do Reino e eu tenho um bisavô materno, Medeiros e Albuquerque, barão e visconde das Laranjeiras, natural da ilha de S. Miguel, que também foi Par do Reino e figura de prestígio na Monarquia.

Não falo a meus filhos e netos nos grandes da família. Por estas minhas memórias é que eles virão a conhecer pessoas, factos e ideologias da família.

Quero que eles vençam na vida só por eles. Desejo que sejam felizes, simples, honestos e pessoas de bem. Recordo-lhes que o pai atingiu o topo da sua carreira, Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, pelas suas altas qualidades de justiça, integridade, inteligência, imparcialidade e, acima de tudo, por ser muito humano.

Não fiz em garota a primeira comunhão porque meu pai, a quem eu adorava e respeitava, se opôs.

É certo que me perguntou se eu queria continuar a preparar-me para a primeira comunhão. Eu, que não gostava e até tinha medo do padre que me ensinava o catecismo na igreja de Lourenço Marques, respondi que não e foi ponto final no assunto. Minhas irmãs fizeram a primeira comunhão, casaram religiosamente e vão à missa.

Falei com o padre capelão da bonita capela do Palácio do Cabo, que me ia casar. Contei-lhe tudo, abri o meu coração e, comovida, chorei muito no confessionário. Ele foi compreensivo e carinhoso mas disse-me que, para casar religiosamente, tinha de me confessar e comungar. Sentia-me hipócrita fazendo que não sentia mas o bom padre dizia-me que a fé viria a seguir. Até hoje não veio, mas meu marido aceita-me como sou.

É o que basta e eu amo-o profundamente. Quando os filhos cresceram, o pai começou a levá-los à missa, aos domingos. Comecei a sentir-me mal quando eles me perguntavam porque não os acompanhava. Sem pensar, dizia-lhes que não ia porque tinha muitos pecados. Meu marido ficava furioso com a explicação. Resolvi ir aconselhar-me com o bispo de Luanda, D. Moisés Alves Pinho. Pouca ajuda me deu, recomendou-me que acompanhasse sempre o meu marido e os filhos à igreja e que a fé viria depois. Sentia-me hipócrita e deixei de ir. Meus onze filhos foram todos baptizados e fizeram todos a primeira comunhão.

Voltando ao casamento. Fomos de viagem de lua-de-mel, de passeio, pela Índia inglesa. Meu marido, que estava de férias judiciais, contratou, por um mês, um carro com um bom motorista que conhecia bem o caminho até Bombaim. Atravessámos a fantástica cordilheira dos Gates com mais de 2000 metros de altitude, sem vegetação, só rochas escarpadas com terríveis precipícios. As subidas eram tão íngremes que o carro fumegava e tínhamos de parar várias vezes para o motorista deitar água no

motor e deixá-lo arrefecer um pouco. De vez em quando havia miradouros com grades de protecção. Daí tirámos fotografias. Nunca pensei que atravessar os Gates fosse tão violento, ia cheia de medo. Eu, a valentona, tremia como varas verdes. Antes de começarmos a travessia, em Banyo, parámos na fronteira. No posto, o funcionário indiano pediu-nos os documentos. Quais documentos!!? Tínhamo-nos esquecido, em plena guerra mundial!!! Mas o desembaraçado motorista disse-lhe que eu era filha do governador-geral de Goa e que meu marido era magistrado em Pangim, e que íamos em lua-de-mel. Alívio dos alívios! Com muitas medidas e um sorriso, mandou-nos seguir. Continuámos a subida da cordilheira dos Gates e depois começamos a descer, suavemente, sem aquecimento do motor.

Chegados a Bombaim fomos para o Magestic Hotel, mais económico que o Taj Mahal e que estava cheio de oficiais ingleses. Levámos duas malas e um saco desportivo cheio de sapatos. Mas qual saco?! Esquecêramo-nos dele em casa, em Goa! Eu ia toda desportista de *shorts* e sapatilhas, de ténis. Mandámos logo um telegrama ao meu pai. No dia seguinte apareceu-nos, a rir, o cônsul português em Bombaim, o Dr. Dá Mesquita, com o saco dos sapatos.

No Palácio do Cabo, foi uma risota com a minha distração!

No hotel estava um amigo de meu marido, o engenheiro Theodoro de Aguiar, inspector superior dos Correios, que tinha ido em inspecção a Damão e Diu. Quando soube que passáramos a fronteira sem documentos, em plena guerra mundial, deitou as mãos à cabeça! Vocês são doidos, vão ser presos! Levou-nos à Polícia e eles não sabiam o que nos fazer. Era caso inédito. Andámos numa romaria por várias repartições até que nos deram um papel para apresentar na fronteira. Mas para quê? Nós sairíamos como entrámos. O nosso motorista «diplomata» falava com o funcionário da fronteira e pronto. Assim, com o estranho papel na mão, foi chamar o superior branco que se agarrou ao telefone com o papel na mão. Perdemos um tempão mas, por fim, lá nos mandaram seguir.

Aventuras de dois apaixonados que só pensavam no amor e não queriam saber nem de papeladas nem de sacos de sapatos. Andavam na Lua, na verdadeira Lua de Mel.

Regressámos a casa. Acabaram-se as férias judiciais e começou a vida de trabalho, no tribunal, para meu marido. Eu estava à espera do primeiro filho. Uma alegria. Passei a fazer uma vida mais sossegada, a dar mais atenção ao que se passava à minha volta. Verifiquei que o povo era constituído por hindus, cristãos e muçulmanos e se davam todos em perfeita harmonia, cada qual com a sua religião. Nunca vi nas ruas zaragatas e pancadaria. Viviam uma vida pacífica de respeito mútuo. Têm uma vida cultural já milenária, mas o espírito lusitano está vivo e preside a toda a actividade cultural. A Biblioteca Nacional possui entre os seus trinta e cinco mil volumes muitos livros importantes para o estudo da influência portuguesa no Oriente. A

Escola Médico-Cirúrgica tem mais de um século e é a mais antiga escola médica de todo o Oriente.

À tardinha, nos meus passeios a pé, passava por um casal indiano muito simpático. Ele era o nosso senhorio e era professor no Liceu e, com ele, aprendi muita coisa e aprendi a respeitar o povo, fosse qual fosse a sua religião. Não se encontram nativos em estado selvagem, como em África. Há sinais de cultura e arte por todo o lado. Velha Goa foi a primeira cidade portuguesa do Oriente. Ali se construiu o Arco dos Vice-Reis, por onde entravam todos os vice-reis e, mais tarde, por tradição, os governadores-gerais. Depois Velha Goa foi atingida pela peste, foi abandonada e todos os seus serviços transferidos para Pangim. A residência do governador passou para o Palácio do Cabo e o Palácio de Hidalcão passou a albergar repartições públicas. Num salão deste palácio estão os retratos a óleo de todos os vice-reis e governadores-gerais. Velha Goa foi abandonada mas, na Sé, construída em 1630, ainda se celebram cerimónias religiosas, assim como na Igreja do Bom Jesus, onde se encontra o mausoléu que encerra o Corpo incorrupto de São Francisco Xavier.

Depois do nascimento do meu segundo filho, em 1943, e o bebé já com onze meses, meu marido chegou a casa com a notícia que tinha sido promovido a juiz e colocado em Angola, na comarca de Sá da Bandeira. Tínhamos de partir quanto antes. Como as comunicações eram demoradas, parti de Pangim grávida de seis meses do terceiro filho. Não havia carreiras aéreas e os barcos portugueses não iam à Índia. Tínhamos de utilizar o transporte que todos utilizavam: barcos de carga ingleses. Não me dei conta que isso era uma aventura perigosa, pois o caminho estava infestado de submarinos japoneses em guerra contra os ingleses. Seguimos de comboio para Bombaim, onde nos esperava o sempre amável e prestável cônsul português, Dr. Dá Mesquita. Disse-nos que, no dia seguinte de manhã cedo, teríamos de ir para o barco de carga. Fomos para o hotel Taj Mahal, onde passámos a noite.

No dia seguinte, muito cedo, lá estava, na entrada do hotel, o Dr. Dá Mesquita, e seguimos de carro com ele. Fiquei pasmada com o espectáculo nas ruas àquela hora da manhã: as arcadas dos edifícios, parecidas com as do Terreiro do Paço em Lisboa, pejudadas de hindus embrulhados nos seus característicos panos brancos, à Gandhi. Começavam a acordar; levantavam-se e lá iam eles, embora, muito depressa mas silenciosos. Perguntei ao cônsul o que era aquilo. Respondeu-me que era assim todas as manhãs, eram mendigos que, aos milhares, não tinham onde dormir.

Eram os párias da cidade. Em Goa não se via nada daquela miséria. Isto passou-se no tempo dos ingleses. Agora sem os ingleses, essa miséria acabou? Creio que não.

A caminho do barco de carga, no carro do cônsul, ouvimos o terrível grasnar dos abutres, que voavam directos à Torre do Silêncio, onde os parses colocavam os seus mortos. O cônsul, que vivia há muitos anos em Bombaim, não ligou ao grasnar dos

abutres. Eu lembrei-me logo do que o Eng.º Theodoro de Aguiar me contou sobre essas aves agoirentas. Ele assistiu a uma cerimónia fúnebre em Nagar Aveli, Damão Pequeno, de um familiar de um seu amigo parse. O caixão era uma caixa pequena transportada aos ombros por sacerdotes parses. Tendo o Eng.º Aguiar chamado a atenção para o tamanho tão pequeno do caixão, o parse explicou-lhe que ao corpo, antes de colocado no caixão, lhe partiam os ossos com pesados martelos de prata. Na Torre do Silêncio os pedaços do corpo eram colocados numa mesa de pedra onde os abutres viriam comer toda a carne humana. Era um festim macabro. Os ossos ali ficavam até serem calcinados pelo sol. Mais tarde a família recolhia os ossos. Em Goa não há Torres do Silêncio, por isso nunca ouvimos esse grasnar tétrico, arrepiante, dos abutres. Mas ouvimos o grasnar das gralhas pretas, que são aos milhares em toda a parte. Acabamos por nos habituar. Não se pode deixar nada nas mesas das varandas. Elas roubam tudo, mesmo que não seja de comer. Relógios, pulseiras, colares, etc. Enxotam-se, fogem mas voltam logo.

Finalmente chegámos ao barco de carga.

Deram-nos um belo camarote com casa de banho privativa. Em nenhum barco português tivemos uma instalação tão boa. O Dr. Dá Mesquita despediu-se e nunca mais o vimos.

Depois de estarmos dentro do barco, já ninguém podia sair. Havia o receio de algum passageiro informar pelo telefone ou por telegrama a família do dia da partida do barco. E como havia espionagem a favor dos alemães o barco podia ser atacado à saída de Bombaim. Todo o cuidado era pouco, porque naquela zona havia submarinos inimigos. Uma madrugada sentimos o barco a largar, deslizar suavemente. Estivemos ali parados bem uma semana. Íamos incorporados num comboio de 22 barcos de carga mas estávamos protegidos por 2 barcos de guerra, um à frente e outro à retaguarda, e aviões a sobrevoarem os barcos com frequência.

O comandante mandou reunir os passageiros no convés para nos dar instruções. Disse que iríamos toda a viagem em *blackout*, que depois do jantar todos recolhiam aos camarotes, cujas luzes eram fraquinhas, e as vigias estavam tapadas com panos pretos. Não se podia fumar à noite no convés e tínhamos de andar com o salva-vidas no braço. Quem tinha crianças tinha de andar com uma maleta de mão, com agasalhos e leite para os bebés. Uma vez desci ao camarote para ir ao WC.

Cruzei-me com um oficial que, severo, me perguntou pelo salva-vidas. Retorqui que o tinha deixado no convés junto ao meu marido e filhos e, se houvesse alguma emergência, corria logo para lá. «Se formos atacados, não tem tempo! Vá já buscá-lo», respondeu ele com autoridade. Fiquei assustada e só então realizei o perigo que corríamos.

Um dia disse a um oficial: «Temos sorte, o nosso barco vai mesmo ao centro do comboio.» Fiquei gelada com a resposta: «Sorte? É mesmo para o meio que o inimigo fará pontaria e algum barco será atingido.»

A certa altura reparei no marinheiro encarregado da limpeza e arrumação do convés. Era indiano e tinha o peito cheio de medalhas. Com o meu velho feitio de meter conversa com toda a gente perguntei-lhe como as tinha ganho. Orgulhoso, respondeu-me que cada uma representava um naufrágio onde ele se tinha portado muito bem. Novamente fiquei gelada e pensei: e se ele ganha outra medalha nesta viagem?!

Finalmente chegámos a Mombaça, onde o comboio se desfez. Uns barcos foram para o canal do Suez e nós seguimos para Zanzibar e para a Beira, onde desembarcámos. Fomos para o hotel aguardar o barco costeiro, o *Luábo*, que, vindo do Norte de Moçambique, só chegaria daí a uns dias. A caminho de Lourenço Marques, a minha querida terra que eu ansiava rever. No hotel pedi para me arranjam um rapazinho para tomar conta dos meus filhos. O mais novo, que devia ter 14 meses, quando o rapaz o pegou ao colo, passou-lhe a mãozinha no cabelo e começou a chorar aos berros. Sentiu a diferença do cabelo. O negrito tinha carapinha e os indianos têm cabelo liso, muito liso. Não consegui que o bebé se habituasse à diferença de raças. Tinha saudades da sua «aia» indiana. Nesse barco, o *Luábo*, vinha também uma filha do comandante João Belo, antigo ministro das Colónias e amigo de meu pai. Conhecia-a em garota e reencontrei-a ali, casada e com filhos. Ficámos contentes com esse inesperado encontro. Ela era muito alegre e com piada. Passávamos as duas a vida no convés, íamos enjoadas e só ir lá abaixo nos fazia vomitar.

Uma vez ela foi ao WC e, quando voltou, explicou-me a rir e com graça o que se devia fazer para puxar o autoclismo. Ao mesmo tempo que tínhamos os olhos nas instruções para o pôr a funcionar púnhamos um pé num pedal, a mão direita numa alavanca e a esquerda num botão. Carregávamos tudo ao mesmo tempo e lá vinha o caudal de água!! Parecíamos o maquinista do rápido! Rimos a bom rir. Nunca mais a vi.

Em Lourenço Marques fomos para o velho Hotel Cardoso renovado e cheio de alemães refugiados. A dona era italiana e, como tal, protegia os hóspedes alemães, seus aliados.

Quando correu a notícia que tínhamos chegado, vindos de Goa, a caminho de Angola, começaram a aparecer a família, amigos de infância e juventude. Até os criados e motoristas do Governo-Geral foram visitar-me. O Ali, esse bom cozinheiro muçulmano de Madagáscar com quem aprendi tantos cozinhados, apareceu com os seus pés de gigante. «Menina Virgínia vai ficar ou vai embora?»

Começaram os convites para almoços, chás e jantares. O regabofe foi tão grande que comecei a sentir-me mal, com dores. Estava no fim da terceira gravidez. Foi chamado o velho amigo e médico da família Cabral, o Dr. Virgílio Mota, que me levou ao hospital para exame. Estava tudo bem, só precisava de repouso absoluto até embarcar para Angola.

Seguimos para Moçâmedes no vapor *Niassa*.

Angola

Maternidade e maturidade

Chegados a Moçâmedes em 1944, desembarcámos e fomos logo à estação de caminho-de-ferro saber se havia comboio nesse dia para Sá da Bandeira. Informaram que, com camas, só no dia seguinte. Não havia hotéis e indicaram-nos a melhor pensão. Fomos até lá e mostraram-nos o quarto, que ainda não tinha sido arrumado. Acabara de sair o hóspede e o «vaso da noite» nem tinha sido despejado. O quarto cheirava mal. Eu, que não sou esquisita e me adapto a tudo, quis ir logo no comboio para Sá da Bandeira. A nossa carruagem tinha só dois bancos corridos, um de cada lado. Num fomos nós e os dois pequenos e, no outro, três homens de meia-idade. A certa altura comecei a estar aflita, cheia de dores e não tinha posição. Os três velhotes, condoídos do meu sofrimento, levantaram-se e disseram que iam instalar-se no automóvel, que ia na carruagem de trás, e que eu podia estender-me no banco deles. Foram mesmo amáveis, aqueles três velhotes. O comboio era muito vagaroso, sempre a parar na serra da Chela. Subimos assim, com muita lentidão, a serra, com quase dois mil metros de altitude. A serra era muito menos íngreme e escarpada do que a Cordilheira dos Gates, na Índia, mas a altitude era idêntica. Quando chegámos à Umbia eu já não aguentava aqueles bancos do comboio. Meu marido pediu um táxi que nos veio buscar de Sá da Bandeira. O motorista, um homem forte, corado, via-se que vinha de um bom clima. Era madeirense. Em Sá da Bandeira (Huambo) havia uma grande colónia de madeirenses, os «escronhos» como lhe chamavam os negros, adulterando a palavra colonos.

Estivemos ali quase quatro anos e adorei aquela terra. Era uma santa vida de paz e sossego. Os pequenos deram-se muito bem. Não havia calor nem frio. Mas eu vinha amargurada de Moçâmedes, e pensava: se no litoral é assim, o que não será para o interior?

O motorista levou-nos para o melhor hotel, que era novo, muito bom e confortável. Ficámos num quarto grande, com varanda virada para a rua principal. O salão de jantar era amplo, com muitas mesas, todas impecáveis; os criados, bem fardados de branco e atenciosos. Fui-me deitar, estafada mas aliviada.

No dia seguinte, manhã cedo, meu marido chamou-me da varanda: vem cá depressa ver uma coisa! Saltei da cama e fui ver: uma manhã radiosa, de céu azul e,

descendo a rua, muitas vendedoras negras, com trajes nativos e, à cabeça, quitandas, cestas cheias de hortaliças, legumes e frutas (laranjas, tangerinas, maçãs e, com grande espanto, morangos, muitos morangos), coisas que eu não via há muito tempo, pois em Goa, com a guerra, faltava tudo.

Sentia-me num paraíso. Ali, no planalto, a terra era muito fértil. Chamaram-nos a atenção para as laranjeiras. A mesma árvore tinha belas laranjas maduras, laranjas verdes e a flor da laranjeira a desabrochar!

Vestimo-nos todos e saímos. Meu marido foi apresentar-se e tomar posse como juiz. Gostou do tribunal e dos funcionários, todos muito simpáticos e prestáveis. Começaram a procurar-nos uma casa, pois o hotel era muito bom mas o vencimento não dava para estar lá muito tempo. As rendas das casas boas também não serviam pela mesma razão: caras. O escrivão arranjou-nos uma moradia barata. A senhoria, uma viúva mulata, foi viver para um anexo no quintal e alugou-nos a casa mobilada. À frente tinha um grande jardim com muitas flores. Roseiras variadas, violetas, lilases, açucenas, lírios, glicínias lindas. A parte de trás, que dava para outra rua, tinha um quintal com uma grande horta, a qual tinha tudo. O rapaz que tratava do jardim e da horta era o Cacolete. Além do jardim e da horta passou a tomar conta dos meus rapazinhos, que o adoravam.

Quando queríamos ir jantar fora ou ao cinema, a senhoria tomava conta das crianças; era de muita confiança.

Os pequenos deram-se muito bem naquele clima. Andavam sempre na rua a brincar com os garotos «escronhos» que falavam muito calão. Quando nasceu a primeira filha, depois do quarto rapaz, os pequenos assistiram ao primeiro banho da menina. Estavam sentados à beira da minha cama, de olhos arregalados para a irmã. A certa altura o segundo, de três anos, diz para o terceiro, de dois anos, baixinho: «Ó pá! Este gajo não tem pilinha!» Contei, por carta, esta graça a meu pai, que não resistiu a contá-la aos amigos na mesa da Brasileira, no Rossio, onde ia todas as tardes. Foi um sucesso!

Demos muitos passeios pelos arredores de Sá da Bandeira, que eram lindos. Sempre muitas flores e muitas quintas das missões católicas. Havia a estação Zootécnica da Humpata, com uma criação espectacular de carneiros caracul pretos e cinzentos. Acho que era um negócio rendoso. As peles iam para Lisboa.

De uma vez, o administrador de Sá da Bandeira levou-nos à Chibia para nos mostrar o Palácio do Oriente: um rectângulo de pau a pique, cujo tecto era de colmo, de palha. Outra divisão, mais pequena, também com as paredes de pau a pique e o tecto de colmo, era para os ajudantes do governador Norton de Matos, ao qual acusavam de ter construído um Palácio do Oriente, para férias, no planalto.

Estávamos em Sá da Bandeira quando Marcello Caetano visitou Angola como Ministro do Ultramar. Ia acompanhado da mulher, uma filha do escritor João de

Barros. Era uma senhora bonita, gentil, mas muito frágil e doente. Na tarde em que ela recebeu as senhoras de Sá da Bandeira, na casa do governador, Dr. Bustorff Silva, ela estava muito fraca e triste, saudosa dos filhos.

Também acompanhava a comitiva, como chefe de gabinete do Ministro, o coronel Ribeiro da Silva, que, em tempos, fora chefe de gabinete de meu pai em Moçambique e foi meu explicador de Matemática. O coronel Ribeiro da Silva, quando soube que eu estava em Sá da Bandeira, e era a mulher do juiz, foi visitar-me e fez-me uma grande festa.

Pouco depois chegou o novo governador do distrito, o capitão Silva Carvalho, que, mais tarde, seria governador-geral de Angola. Meu marido seria, nessa época, secretário-geral de Angola. Foram quase oito anos de convivência amistosa.

Antes de irmos viver para Luanda, meu pai passou no Lobito, vindo de Goa, onde perfizera oito anos como governador-geral; passou ali toda a II Guerra Mundial. O intendente de Sá da Bandeira, que trabalhara com meu pai em Moçambique, quis ir cumprimentá-lo à passagem no Lobito. Pediu uma licença e fomos com ele de automóvel. Aquilo é que era mato! De vez em quando, víamos grupos de negros que corriam atrás do carro a dizerem-nos efusivamente adeus. A certa altura o motorista gritou assustado: «Agora é que vão ser elas!» «O que foi, o que foi?», perguntávamos nós assustados. Resposta: «O caminho está cheio de bosta fresca de elefantes! Se nos apanham, esborracham-nos», dizia ele, pálido de medo. A certa altura a pista de bosta virava à esquerda, para fora da estrada, e nós continuávamos em frente já sossegados. Foi a única vez que festejei a esquerda na minha vida: a esquerda por onde desapareceram os elefantes. Não a esquerda por onde me apareceram os comunistas na minha vida. Chegámos ao Lobito e o barco, o *Niassa*, ainda não tinha chegado. Fomos para o Terminus, o grande hotel do Lobito, tomar banho e tratar dos cinco filhos. Meus pais não podiam admirar-se nem assustar-se, pois tiveram onze filhos nas suas andanças por Moçambique. Foi uma alegria voltar a ver meus pais e meus irmãos mais novos, que tomaram logo conta dos sobrinhos. Estivemos todo o dia a bordo e, no dia seguinte, partiu o barco e nós regressámos, de carro, a Sá da Bandeira.

Pouco depois partimos para Luanda num avião pequeno, cujo piloto era o Rosa Maçarico, muito popular pela sua simpatia. Este piloto morreu num desastre neste mesmo avião, uns anos mais tarde. Ia só ele e um passageiro, o director dos Serviços de Instrução de Angola.

Vou contar a história do desastre e a do casamento desse director porque são histórias raras que aconteceram à mesma pessoa. No desastre, o avião caiu em pleno mato. O piloto, como já disse, morreu logo. O outro passageiro, o director, ficou ferido, mas lá se aguentou, a ouvir toda a noite, com um cadáver ao lado, o rugir dos leões e outras feras. Consegui acender uma fogueira para afugentar as feras e

sinalizar o local onde estava para ajudar as buscas, pois decerto viriam em seu auxílio. Foi transportado para o hospital e o pesadelo terminou.

Agora a história do casamento, que é engraçada e inédita de certeza. O director é natural dos Açores e da última vez que lá estive de férias conheceu duas irmãs encantadoras. Quando chegou a Angola, sempre com o pensamento numa delas, escreveu a pedi-la em casamento, que foi por procuração e o mais rápido possível. Quando foi ao barco buscar a noiva, viu que se tinha enganado no nome e não foi a desejada com quem casou. Calou-se muito caladinho, pois já não havia nada a fazer. Só mais tarde teve coragem de falar na troca de nomes. Mas foram muito felizes e tiveram duas filhas.

Em Luanda, a minha vida como mulher do secretário-geral tornou-se muito mais agitada. Começaram os incríveis *cocktails* nos consulados, festas, bailes, recepções oficiais. Tínhamos de ir a tudo em representação do Governador e sua mulher, que tinham perdido há pouco tempo um filho, afogado no mar da Figueira da Foz. As duas filhas eram adoráveis, gostei sempre muito delas.

Tivemos a visita de D. Juan de Espanha, que abdicara no filho, o actual rei. De Lisboa veio a recomendação de se organizar um safari, uma grande caçada em sua honra. Houve festas e grande banquete com altas personalidades.

Depois veio a Duquesa do Cadaval com a filha e houve outro safari.

De seguida vieram as festas do terceiro centenário da Restauração de Angola por Salvador Correia de Sá e Benevides, que derrotou os holandeses que se tinham apossado de Luanda em 1649. O visconde de Asseca (descendente directo de Salvador Correia), a mulher e filha foram a Luanda, convidados pelo Governo a presidir às comemorações. Festas bonitas e patrióticas. Recordou-se Diogo Cão, o primeiro navegador a colocar padrões por onde passava, a marcar a presença dos Portugueses. Paulo Dias Novais, o grande militar que, em 1589, conquistou Angola e dominou a rainha Ginga, mulher valente e difícil, que sempre se revoltou contra o domínio dos Portugueses. Fugia, andava escondida pelo mato, protegida pelos seus sequazes, que eram muitos. A sua personalidade lembra-me a de Catarina da Rússia, que escolhia os seus amantes para uma noite e mandava-os matar no dia seguinte. Ginga era igual a Catarina. Escolhia os seus amantes entre os mancebos do seu exército e mandava-os matar. Que mulheres! Ginga foi baptizada e tomou o nome de Ana de Sousa.

A história de Angola foi muito agitada e recheada de grandes militares valentes e amantes da sua pátria. E agora? Outros militares traíram a Pátria e reduziram-na a esta nesga de território sem saída para os desempregados que se acumulam. Antes do 25 de Abril o progresso em África era fantástico e haveria ali lugares para todos. Mas, para diante, sempre com lágrimas nos olhos.

Todos os anos, no dia 28 de Maio, havia inaugurações por toda a província de Angola. Um ano meu marido foi inaugurar correios, escolas, hospitais, tudo fora de Luanda. Nesse ano seguimos num avião pequeno e demos a volta pelas seguintes cidades, fazendo um circuito: Luanda, Lobito, Benguela, Moçâmedes, Sá da Bandeira, Nova Lisboa, Silva Porto, Malange e, de novo, Luanda.

Só não conhecia Silva Porto e Malange. Em Malange quiseram mostrar-nos a pegada da rainha Ginga numa rocha. Estava tão cansada que não fui. Disseram-me que era enorme, que a marca era uma lenda pois, por muito grande que fosse o pé da rainha Ginga, nunca poderia ter aquela dimensão. Esta lenda lembra-me a de D. Fuas Roupinho, no tempo do rei D. Afonso Henriques, cujo cavalo estacou à beira do precipício e deixou a marca das patas gravadas para a posteridade, no Sítio da Nazaré.

Por todo o lado havia missões católicas, franciscanas e dominicanas. Pouco se falava nas missões protestantes, que rareavam no território angolano. A evangelização por parte das missões católicas tinha plena aceitação dos nativos.

Em Sá da Bandeira meu marido foi nomeado para fazer um inquérito à Câmara de Moçâmedes, e preparámo-nos para ir para lá, pois seria trabalho demorado. Como meu marido ia em serviço e não havia hotéis, fomos para o Palácio do Governo, que estava sempre vago, pois o governador de Moçâmedes era, por acumulação, o governador de Sá da Bandeira, que vivia nesta cidade. Eu fui uma semana mais cedo de comboio, com os filhos, porque passavam de barco, a caminho de Moçambique, dois irmãos e duas cunhadas que eu há muitos anos não via.

No palácio estava de passagem, em serviço, o general Mena e Silva, já de idade, acompanhado de um ajudante. O general era uma pessoa muito fina e conversadora. Um dos meus filhos, o bebé, estava com uma crise de dentes: os caninos, os dentes mais difíceis, tentavam nascer. Falando nisto ao almoço, tive grande surpresa quando o general se volta para mim, dizendo-me: «Eu sei que isso é, com esta idade tenho os quatro caninos a nascer!!!» Ri-me, julgando que ele estava a referir-se aos dentes do siso. «Ri-se? Olhe!», e mostrou-me a boca com os ditos dentes caninos a nascer! Disse-me que era muito raro mas acontecia! E assim me confirmou também o meu dentista.

Também por essa altura, uma tarde, andei aflita à procura dos meus quatro filhos que tinham desaparecido. Um dos criados disse-me que estavam no salão grande com o senhor bispo de Nova Lisboa. Fui até lá e fiquei à porta a observar a cena: o bispo, muito gordo, com as vestes de cerimónia, a faixa e o solidó vermelhos, muito rosado e sorridente, estava sentado no meio do sofá e os meus filhos a rodeá-lo. Quando o bispo me viu, disse-me bonacheirão: «Eu estava aqui a dormir e quando acordei vi estes anjinhos à minha volta!» Eles eram louritos, de caracóis e olhos

claros. Os pequeninos é que nem falavam, espantados com aquela aparição, com roupas que nunca tinham visto!

Nas andanças por África vemos tanta coisa e conhecemos tanta gente! Quem vive toda a vida na Metrópole não tem a oportunidade de ver e assistir a tantos acontecimentos como eu tive. Tenho uma vida muito rica de tudo, tenho muito que recordar.

As recordações são como cerejas, puxa-se uma e vêm logo muitas a seguir.

Mas é uma amargura pensar em tantos amigos que perdi de vista com esta derrocada da descolonização. Quantos morreram? E quantos se encontram na miséria, tendo perdido tudo? Ó capitães, capitães, era preciso entregar tudo, de repente, sem olhar a nada? A independência viria mais tarde, na devida altura, com calma. Como as vossas consciências devem estar pesadas!

E não podem atirar as culpas a ninguém, foram só vocês os culpados malditos desta tragédia. E o que fazem vocês agora, capitães, a esses povos a morrer de fome? As campanhas de solidariedade são uma gota de água naquela tragédia que se previa. Aqueles povos e raças que se odeiam entre si preferem ser governados pelos Portugueses que bem os conhecem e só lhes fizeram bem e fizeram de Angola uma grande nação moderna.

Tivemos durante muitos anos um cozinheiro que foi sempre o meu braço direito em casa e quis ficar todo o tempo connosco. Ele tinha muitos filhos, tantos como nós e, quando eu tinha mais um, pouco depois, mestre António ia ter com meu marido e dizia-lhe: «Senhor Doutor Juiz, eu também já tenho mais um filho!» Meu marido respondia-lhe: «Mas eu tenho filhos *só* de uma mulher e tu tens filhos de três mulheres!» E o cozinheiro ripostava, com ar malandro: «Mas quando uma está cheia, eu tenho de ter outra...!»

Andava sempre atrapalhado de dinheiro e sempre a pedir adiantamentos, e ao fim era eu sempre a lesada. Bom homem. Tenho a certeza que nunca nos faria mal.

Lembro-me agora de uma anedota que se contava de uma empresária rica, judia, sul-africana, a Mme. Bergman, dona da Companhia do Manganês. Essa senhora tinha um criado muito antigo a quem ela protegia toda a família. Um dia ela perguntou ao criado: «É verdade que vocês vão matar as vossas patroas?» «Não senhora, eu não era capaz de matar a minha senhora, mas já combinei com o criado do lado: eu mato a senhora dele e ele mata a minha!!!»

A praia de Luanda era na ilha e podíamos frequentá-la todo o ano. Só no tempo do cacimbo é que se fugia da praia, pois nesse tempo era húmida e desagradável. Passámos ali dias estupendos. A água era muito quentinha, ao contrário da água nas praias da Metrópole. Era uma luta tirar os pequenos do mar para virem para casa.

Começaram a frequentar a escola primária, que era mesmo em frente da nossa casa, dentro de um recito enorme, com acácias lindas que davam muita sombra para

o recreio dos alunos. Os pequenos fizeram ali a instrução primária com belíssimas professoras. Acabada a escola foram para o liceu e foi a altura de meu marido passar para a magistratura da Metrópole. Acompanhámos sempre os filhos nos estudos e ajudávamos no que podíamos. Meu marido ajudava em latim e matemática e eu em francês e inglês.

Tivemos alguns filhos sempre no Quadro de Honra e os outros razoáveis, sem problemas nem perdas de ano. Mesmo quando andavam nas faculdades, em Coimbra, nunca lhes dei a chave de casa. Eles sabiam que eu estava, na sala, à espera deles, a ler ou a costurar. Reconheço que fui dura com eles, mas era para o seu bem e hoje eles o reconhecem. Todos têm um curso superior e são onze!

O tempo mais livre e de descanso foram os anos de Luanda. Na ilha de Luanda, fomos várias vezes à pesca. Juntava-se muita gente conhecida aos domingos, alugávamos um bote e era só deitar a linha ao mar. Logo na primeira vez que deitei o anzol, senti um peixe grande a puxar. Fiquei muito excitada e, aos gritos pedi ajuda. Veio o peixe, não era bom para comer, mas era muito grande e esses peixes, quando estão a morrer, enchem o papo de ar e ainda parecem maiores, porque o papo fica descomunal!

É o peixe-porco. Por acaso estava noutro bote o taxidermista do museu, que veio transferido do museu de Lourenço Marques. Chamava-se Peão Lopes e era do meu tempo do Liceu 5 de Outubro. Pediu-me o peixe para o embalsamar. Vi-o já depois de pronto e estava formidável. O Peão Lopes pediu-mo para o oferecer ao museu. Hoje tenho pena de não ter ficado com ele, pois fazia um vistão na vitrina da sala! Paciência! Era um peixe-porco, mas era pescado por mim!

A par da natação tinha o ténis, o meu desporto favorito. Em Sá da Bandeira joguei, algumas vezes, num campo particular. Em Luanda fiz-me logo sócia do Clube de Ténis e duas tardes por semana ia para lá jogar com outras três boas jogadoras. Uma inglesa, uma sul-africana e outra americana, casada com um arquitecto português. As portuguesas, sempre avessas ao desporto, não apareciam.

Houve um Campeonato Internacional em Luanda com participantes da África do Sul, Congo Belga, Congo Francês, Moçambique e Angola. Eram cinco equipas, cada uma com quatro homens e uma senhora. Jogavam-se cinco modalidades: pares homens, pares senhoras, pares mistos, singulares homens e singulares senhoras. A vencedora foi a equipa da África do Sul, a segunda classificada foi a de Angola. Tenho medalhas, taças e diplomas dessas vitórias. Houve outro campeonato de ténis no Lobito mas só com jogadores de Angola. Também foi a minha equipa que ganhou o primeiro lugar. Tempos bons, tempos felizes, agradáveis de recordar.

Também em Luanda ajudei as senhoras Vicentinas a arranjar dinheiro para as suas obras de assistência aos pobres. Nos estatutos delas não podem organizar nada com danças e jogos, por isso recorriam a mim. Organizei bailes, chás *mahjongs*, chás

dançantes, etc. Punha as senhoras todas a trabalhar e todas trabalharam bem e de boa vontade. Num baile em Luanda, no Palácio do Comércio, onde nos cederam salas e o terraço, precisávamos de três conjuntos musicais para tocarem em três salões. Quando sugeri que pedíssemos aos músicos para tocarem de graça, as senhoras acharam que isso não era possível. Levei, para me apoiar, a mulher do Governador e fomos às três bandas fazer o pedido. Fomos muito bem recebidas e deram a sua colaboração com a melhor boa vontade e... de graça!

Sou teimosa e voluntariosa no que faço e conto sempre com a minha facilidade de comunicação que é, às vezes, um pouco atrevida, com diz meu marido, mas a verdade é que quem não arrisca não petisca. E não estava a pedir para mim.

Quando nos instalámos, em Luanda, na residência do secretário-geral, uma casa enorme de dois andares, apresentaram-se, para os conhecermos, todo o pessoal da casa: o cozinheiro, o seu ajudante, o mainato, o criado de mesa e salas, e o dos quartos, e, por fim, o jardineiro, o Paquete, que era um presidiário vindo de Moçambique, para cumprir em Angola a pena. Perguntei-lhe onde era a terra dele e qual não é o meu espanto quando ele responde: «Cabaceira Grande!» «É a minha terra também», disse-lhe eu, contente. O rapaz não queria acreditar. A patroa ser lá de longe, da terra dele! Fui buscar o meu bilhete de identidade e pedi ao motorista para lhe ler o que lá estava escrito. O pobre homem ficou tão contente que me comoveu e arranjei nele um amigo dedicado.

Depois perguntei-lhe porque tinha sido condenado. Com os olhos fuzilantes de ódio respondeu-me: «Matei a minha mulher e o homem que estava com ela na cama e, se fosse hoje, fazia a mesma coisa» Tinha casado aqui com uma angolana e tinha três filhos. Era um homem pacífico, ao qual dei sempre a minha protecção e confiança. Era meu patrício! Meus pais diziam-me que eu fui a primeira branca a nascer naquela terra de antropófagos. Tinham os dentes aguçados. Aguçavam-nos com uma lima. Meus irmãos metiam-se comigo chamando-me «antropófaga» e perguntavam-me se eu não queria uma lima para aguçar os dentes. Ficava furiosa e ameaçava-os com dentadas!

Falei depois com o procurador da república, Dr. Mascarenhas Galvão, pedindo-lhe que me desse informações do meu patrício. Disse-me que era um bom homem e que estava quase a terminar a pena e que queria regressar à terra natal com mulher e filhos. O seu comportamento era impecável, por isso andava em liberdade e só à noite se apresentava na prisão. Este homem é o exemplo de como os portugueses tratavam com humanidade os negros. Nunca vi, em Portugal, presidiários à solta. Só presos em liberdade condicional.

Tanto os indígenas de Moçambique como os de Angola arranjam, para os seus nomes próprios, nomes de objectos: canivete, cordel, paquete, gasolina, barbante, etc. Eu conheci um Paquete, um Barbante e um Cacolete.

Como atrás disse, a residência do secretário-geral era enormíssima, bem localizada num grande recinto com uma bela vista para o mar e, das varandas, víamos os barcos entrar no porto. Mais tarde, fizeram, no bairro por trás do Palácio, outra residência para o secretário-geral. A antiga, enorme, passou para liceu feminino. Ficou um grande liceu, com grandes salas, todas a darem, no primeiro e segundo piso, para amplas varandas corridas, em redor do edifício.

Com esta guerra, em que destroem tudo, que terá sucedido a este liceu? E ao liceu masculino, o Liceu Salvador Correia de Sá, edifício já feito para liceu, um edifício espectacular? Foi destruído ou continua a funcionar?

É de horrorizar a inconsciência dos senhores capitães! E professores? Onde arranjam professores competentes que queiram ir para escolas e liceus?

Assisti à visita oficial do governador-geral do Congo Belga, pessoa simples e simpática, que se mostrou muito admirada com o progresso de Angola. A independência do Congo deu-se bem antes da de Angola. O Governo da Bélgica não abandonou os europeus que lá trabalhavam e que lá tinham os seus bens. Até os portugueses que lá estavam saíram com o que era seu. O senhor que era aqui o nosso senhorio e que tinha no Congo Belga uma empresa de construção civil veio para Portugal e trouxe o seu dinheiro com o qual comprou aqui casas e terrenos. Morreu, de repente, com um tumor na espinha mas deixou bem a família. Vendeu-nos esta moradia onde vivemos há vinte anos. Lembro-me que o príncipe Alberto, o actual rei da Bélgica, foi ao Brasil para acertar com o Governo brasileiro a ida para aquele país, cujo clima era semelhante ao do Congo, dos belgas que tinham vindo do Congo e se não adaptaram à vida e clima da Bélgica. Regra geral, os belgas iam em serviço por quatro anos e regressavam à Bélgica com todo o dinheiro lá ganho, não o aplicando no Congo Belga. Exactamente ao contrário dos portugueses, que aplicavam com orgulho em Angola, que consideravam a sua terra, todas as suas economias. Fizeram casas, colégios, casas de saúde, hotéis, restaurantes, etc.

Assisti, em 1954, à visita a Angola do general Craveiro Lopes como Presidente da República. Foi recebido com pompa e circunstância. Era uma figura fria, altiva. Não era simpático com ninguém e, por isso, não deixou simpatias. Foi o oposto do general Carmona, figura venerada e simpática, que foi apoteoticamente recebido por todos, negros e brancos.

Craveiro Lopes, quando saiu de Goa, também não deixou simpatias. Esteve governador interino até à chegada de meu pai, como governador-geral. Voltou para o seu lugar de major do Exército até seguir para Lisboa. A mulher, a senhora D. Berta, era o oposto do marido. Simples, simpática com toda a gente, que a respeitava e admirava. Era uma verdadeira «senhora». As pessoas que a rodeavam notavam que ela parecia ter medo do marido. Quando ele aparecia, ela calava-se, perdia o pio. Enfim, cada qual com o seu feitio.

Quando será que os espoliados de Angola e Moçambique começam a ser indemnizados?

É altura de se pensar neles e organizar também uma campanha para arranjar dinheiro para os indemnizar. Eles deviam ser ajudados e, preferencialmente, os africanos que fogem agora daquelas guerras sem fim.

Às vezes penso se, com a fúria da destruição também destruíram o que, de muito valor, existia nos palácios dos Governos de Moçambique e de Angola. Quero pensar que tudo continua guardado, com cuidado, nas respectivas arrecadações.

Em Angola, as louças e cristais que eram usados em banquetes e festas podem hoje ser consideradas antiguidades. São louças de Limoges e Sévres, lindas, com barras largas em rosa-forte e em azul-forte, com desenhos a ouro fino. No fundo dos pratos estão as coroas da monarquia portuguesa, também gravadas a ouro fino. Os copos, em cristas de Bacarat, têm também a coroa real gravada e rodeada de finos e artísticos desenhos. O faqueiro não era de prata, mas também era lindo.

Na sala de jantar, ao longo da parede principal, havia um quadro em tapeçaria de Gobelin que diziam ser autêntica, da fábrica, fundada por Luís XIV de França.

Sou uma pessoa que não pode estar inactiva, apesar de ter tido muitos filhos e de sempre ter olhado por eles e os ter ajudado, as minhas horas livres nos últimos tempos de Luanda foram ocupadas em encadernação, uma arte maravilhosa que entusiasma, pois de um livro velho, todo desfeito, consegue-se fazer um livro novo.

Arranjei um bom professor, encadernador da Imprensa Nacional de Luanda, que, durante quase um mês, me ia dar lições depois do jantar. Comprei uma prensa manual, uma guilhotina pequena e os utensílios necessários para o trabalho. De Lisboa iam os papéis e peles. O trabalho entusiasma-me e encadernei perto de dois mil livros. Só trabalhei com peles.

Encadernei os livros de Direito de meu marido e de meu filho advogado e os de Medicina da minha filha médica pediatra. Depois de prontos iam para o dourador para gravar os títulos e para a decoração a ouro.

Numa das viagens para Lisboa ia, no mesmo barco, o Dr. Ricardo Espírito Santo, que achou graça ao meu *hobby* e disse-me que se eu quisesse ir à oficina de encadernação da Fundação Espírito Santo, que ele ia falar com o Dr. Possolo, director da Fundação, para eu lá ir aprender o que quisesse. Assim foi e andei lá um mês. Ia todos os dias e o que vi e aprendi foi uma ajuda preciosa. Aperfeiçoei-me muito.

Os filhos, o ténis e a encadernação encheram-me a vida.

Acho que vou terminar aqui as minhas memórias ultramarinas, pois a memória começa a atrair-me e sinto dificuldade em recordar-me de muita coisa.

Procuro ser exacta e tudo o que recordo é verdadeiro. Sou violenta quando me lembro das queridas terras perdidas e a amargura em que vivem os retornados e

espoliados. Viveram gerações a trabalhar e a amar aquelas terras e o que lhes resta agora?

Em Angola a terra onde gostei mais de viver foi em Sá da Bandeira, hoje chamada Lubango, na Huíla. Pela TV tenho visto como está tudo destruído. Uma terra fértil onde tudo se reproduz com uma força espantosa. As videiras davam uvas duas vezes por ano, as laranjeiras estavam sempre, todo o ano, com frutas e flores.

É altura de falar nos meus onze queridos filhos. Apesar de alguns terem ideias bem diferentes das minhas, somos todos amigos e vêm todos ver-me com frequência.

José Pedro – engenheiro civil

José Manuel – advogado

António Augusto – professor de Educação Física

João Carlos – médico psiquiatra

Maria Laura – licenciada em História

Maria Helena – médica pediatra

Maria Luísa – licenciada em Educação Física

Maria Teresa – licenciada em História

Maria Margarida – licenciada em Românicas

Maria Cecília – licenciada em Educação Física

Rodrigo Manuel – engenheiro técnico

Depois dos onze filhos vieram quinze netos, que são a minha alegria, mas, espero, ainda virão mais. Meus pais tiveram também onze filhos mas tiveram 46 netos!

Termino aqui as minhas memórias do meu querido Ultramar, pois sinto-me cansada e triste de tanto recordar.

Mas não quero terminar o capítulo de Angola sem referir que estava em Luanda quando por lá passaram os quatro navegadores da célebre expedição da “Kon-Tiki”. Andavam por vários países do Mundo a explicar o objectivo dessa viagem. Foram ao governo-geral apresentar cumprimentos e convidaram o secretário-geral a assistir, no cinema de Luanda à passagem do filme com a vida diária a bordo da jangada. Cada tripulante tinha a sua tarefa. Um pescava, outro cozinhava e o outro filmava! A expedição, realizada e chefiada pelo etnólogo norueguês Thor Heyerdahl partiu numa jangada de balsa, a célebre “Kon-Tiki” (nome duma divindade polinésia) de Callao, no Peru, até à ilha de Landfall Rorcía, perto de Taiti. Foram percorridos 8000 km do Oceano Pacífico para provar que parte das ilhas do Pacífico foram povoadas por índios Incas, fugindo dos espanhóis na América do Sul utilizando jangadas de balsa, idênticas à da expedição. A viagem iniciou-se em 18 de Abril de 1947 e terminou em Agosto do mesmo ano.

Foi há quarenta e sete anos que esses noruegueses passaram em Luanda. Recordo essa noite, no cinema, que estava cheio de espectadores para assistirem à passagem do filme.

No camarote estávamos meu marido, eu e os quatro navegadores.

Eles eram, na altura, homens de quarenta e alguns anos. Estarão vivos ou serão todos uns bons velhotes a caminharem para os 100 anos?

Só na embaixada da Noruega eu poderei ter notícias deles.

Li há pouco que a jangada e tudo que foi utilizado nessa viagem se encontra no Museu Kon-Tiki em Oslo.